Como é o Cariri



George de Queiroz Gaudêncio

CONSCIÊNCIA POPULAR E SENTIMENTO NUM LIVRO SOBRE O CARIRI

Espremida entre o brejo e o sertão por um lado, e as nascentes dos rios Taperoá e Paraiba, por outro, a região do Cariri paraibano é das que, em nosso Estado, aguardam estudos mais aprofundamos.

Seguramente mais pobre que o sertão e sem contar com a sólida tradição histórica do brejo onde, nas observações de Cleantho de Paiva Leite se encontrariam, geo-economicamente, as civilizações do boi e do açucar, o Cariri tem sido focalizado *en passant* pela maioria de nossos cientistas sociais, ou seja, geógrafos, antropólogos, sociológos, historiadores e politicólogos.

Dir-se-á que de lá brotam as monografias Reencontro da Vila (1961), Assim Eram as Coisas (1971) e Vale de Travessia (1972) de José Leal, por mim comentadas no número vinte e dois da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, alguns romances de José Rafael de Menezes, a monografia do poeta Jansem Filho sobre Monteiro, e esparsas observações, tanto minhas como de Humberto Mello, em nossas intervenções nos Seminários Paraibanos de Cultura Brasileira, particularmente contidas na conferência "História Presente e Realidade Social Paraibana" do terceiro volume da excelente série Brasil, Tempo e Cultura da Diretoria Geral de Cultura da SEC.

Convenhamos ser muito pouco ainda. Os antropólogos José Américo de Almeida e Leon Clerot, cujos A Paraiba e seus Problemas (1980) e Trinta Anos na Paraiba (1969) já inclui entre os dez mais importantes livros para compreensão da Paraiba, referiram-se lateralmente ao Cariri, da mesma forma que Wilson Seixas, Terezinha Pordeus e Inês Caminha/Joaquim Inojosa, os dois primeiros

observando a progressão dos caminhos das entradas e bandeiras que devassaram o sertão, e os dois últimos a extensão, até aí da Guerra Civil de Princesa (março/julho de 1930).

Ao preparar estas notas estou me lembrando de que no estudo "Igreja e Igrejas na Expansão Setecentista" da coletânea A Paraíba das Origens à Urbanização, preparada em 1983 para a Casa de José Américo, levei em conta as origens religiosas de Cabaceiras, a partir da capelinha erigida pelos fazendeiros Farias e Ferreira, porém tudo isso não passam de exceções que confirmam a regra.

Sem estrutura econômica que lhe definisse as possibilidades e com densidade populacional sequer comparada às três outras regiões do Estado — mata, brejo e sertão — o Cariri evidenciou suas limitações no declinio de São João do Cariri e Taperoá a que correspondeu a ascensão de Campina Grande como polo de toda zona caririzeira. O resultado é que certos estudos que poderiam tê-la tomado como base arremessaram-se para fora do Cariri, primaciando Campina Grande, como o chamado ciclo da farinha que Epaminondas Câmara e Celeida Farias desenvolveram a partir da Rainha da Borborema, o mesmo acontecendo com a bacia leiteira da geógrafa Auxiliadora Rolim e os engenhos rapadureiros de sua colega Marisa de Lyra Braga.

Tudo isso vem a propósito da manifesta propriedade deste COMO É O CARIRI, com que George Gaudêncio, pertencente até pelo sobrenome a duas famílias que têm politicamente dominado a zona, realiza sua estréia nas letras paraibanas, optando pelas inspirações antropológicas que têm presidido o Cariri, a partir de lendas, secas, culinária, recreações, crendices, rezas, adivinhações e farmacopéia, as mais das vezes articuladas com o pastoreio de que deriva a própria formação local.

Imbuído de espírito telúrico que o levou a observações pessoais emanadas do povo que tem sobrevivido, até com estoicismo, num Cariri de agricultura vasqueira e gado pouco arroubado, George Gaudêncio incursiona com desembaraço pela chamada História Subterrânea que Giberto Freyre tão bem soube valorizar, a partir da constatação de que se trata da "História além da História".

Que se trata mais de Antropologia que de História atesta-o a circunstância de que, gerações a fio, os traços culturais permaneceram os mesmos, encompassados por serras que cachimbam e roçados que esturricam.

Esse o décor de onde — comportando-se como modorrento participante das conversas de calçada que ainda se observam naquela zona, o que explica o glossário da segunda parte do livro —, George de Queiroz Gaudêncio extrai a estória da mãe da lua, do

segmento das lendas, as peripécias da onça, do folclore animal, a dança do camaleão, da lúdica e a brincadeira de castanha, dos folguedos infantis, bem como as adivinhações repassadas de sublimação sexual provenientes dos cultos orientais de fertilidade, das noites frias do mês de junho, onde o folclore caririzeiro, como aliás o de todo o nordeste, alcança seu ponto máximo.

Não sei se é este o Cariri que presentemente prevalece. As estradas asfaltadas que passaram a palmilhar a área e algumas amplas experiências de açudagem em Boqueirão e irrigação em Sumé, ao tempo em que urbanizaram municípios como Serra Branca, onde o domínio dos irmãos Gaudêncio já não é tão inquestionável como outrora, significaram transformações modernizadoras que lançaram o Cariri, até então natureza, às contradições da História Presente.

O sociológo Lopes de Andrade foi dos que ainda em vida, percebeu tais mudanças claramente aceleradas pelo rádio-transistor, a televisão e o caminhão que passaram, de parceria às empresas agro-pecuárias introduzidas na área, a assinalar a nova realidade caririzeira, progresso mais que tradição e novas expectativas de vida antes que imobilismo.

As contradições semeadas por essa nova realidade fazem-se também palpáveis, e George Gaudêncio encontra-se atento a elas quando denuncia a liquidação da fauna, o esgotamento das parcas reservas florestais e as "Brincadeiras (que) estão desaparecendo e dando margem a uma marginalizante urbanização".

Como é o Cariri trata-se assim de livro que dá o que pensar, evocando, de saída, possíveis comparações entre tempos de talvez menores distâncias sociais e os de hoje, quando, mediante a substituição da natureza pela técnica, os homens, para evocarmos o Calígula de Camus, "morrem e não são felizes".

Dir-se-á que neste livro, George Gaudêncio poderia ter aprimorado a técnica de redação e melhor sistematizado os assuntos. É verdade. O que não se pode, porém obscurecer é que, do jeito em que está, COMO É O CARIRI, vale pela emoção e o sentimento de quem mergulhou no âmago da consciência popular para extrair, por meio das características da mais atrasada das regiões paraibanas, um pouco deste Brasil-Brasil, povoado pelos que, tal como o autor, não temem a voz do homem simples e a brisa da terra.

JOSÉ OCTAVIO
Junho/1984

NOTA EXPLICATIVA

A evolução pouco a pouco destrói a nossa cultura, modifica-a. Os veículos de comunicação de massa a cada dia penetram nesses recôncavos isolados do Nordeste e oferecem ao homem uma nova invasão de conceitos e formas de vida e pensar. No entanto, os minifúndios permanecem, mesmo às margens dos latifúndios que se transformam em empresas agrícolas, onde as máquinas barulham e recusam um contar de estórias no alpendre ou um aboiar nas tardes tranquilas dos tabuleiros. Porém, o homem ainda permanece no silêncio de seu anonimato e, com seu povo, busca no seu meio as formas mais simples de comunicação; comunica-se, basta aproveitar o cantar de um concris, um vôo de asa branca, um zumbido de abelhas à beira das cacimbas de água minguada, porque é na natureza a sua maior fonte de inspiração, pois esta "provoca o desejo da comunicação". E isto nos dá aspectos reais de vida, produzindo efeitos positivos dentro de nossa cultura.

Procurei fazer uma coleta do que pareceu-me essencial, não só dos termos e expressões populares, mas dos hábitos, costumes, crendices, fauna, flora, farmacopéia, etc, no sentido de promover um maior interesse nas pessoas para que possam desenvolver outros estudos, pois é primordial que consigamos guardar, preservar essas coisas que nos faz gente com características marcantes e, acima de tudo, brasileira.

Quanto aos termos e expressões populares que compõem a segunda parte deste trabalho, existem palavras que têm sentido diversos e são aplicadas em outras regiões, também. Mas, achei conveniente citá-las da maneira que são ditas e entendidas por este Nordeste imenso, principalmente no Cariri. Daí a omissão da morfologia, tendo em vista a duplicidade de sinônimos, o que depende da região onde são pronunciadas, emitidas.

Nada pareceu-me difícil, pois vivendo como vivi no meio mais agreste do cariri paraibano, os vocábulos, as lendas, os frutos de toda uma vivência, sentindo e sorrindo com meu povo, tudo pareceu fluir de um manancial, assim parecido com os pequenos córregos de águas claras no Cariri em tempos de inverno. Portanto, este trabalho foge, de certos sentidos literários, para dar apenas uma parcela de colaboração ao cenário da cultura paraibana.

Quero acrescentar a ajuda de meus alunos da 2a. Fase do 1o. grau dos colégios de Serra Branca e São José dos Cordeiros, que dentro das atividades extra-classe, deram a sua parcela de colaboração, colhendo em suas comunidades os termos, as expressões que para eles pareciam nada significar, quando na realidade descobriram tratar-se de algo valioso dentro do estudo da gramática.

Com certeza, outros estudos virão sobre a nossa região e que servirão para melhor compreensão de tão complexa natureza ali vivenciada.

A Edite Brito, minha esposa
Elvio Gidianny
Vyrna Giordana
George Segundo
Elcio Gianniny,
Meus filhos, para que mais tarde
possam desenvolver um trabalho em
prol de nossa gente caririzeira.

A meu irmão Roberto Gaudêncio,
pelo apoio, incentivo, segurança
que me tem dado a todo instante.

A meus pais,
Manoel Gaudêncio Neto e Diva de Queiroz Gaudêncio,
pela coragem com que lutaram na quentura
do cariri paraibano, para nos legar seu nome e honestidade.

INDICE

1a PARTE

Como é o Cariri 17
Lendas e estórias 21
- A aposta da onça e do porco 24
- A guerra entre os animais 26
- O bacurau e a festa no céu 27
- A pipoqueira 28
- No tempo das secas 29
- A reza apressada 31
- Animais na história 33

Culinária Caririzeira .....
O ciclo das brincadeiras 42
O inverno e seus mistérios 52
Farmacopéia 59
O vaqueiro e seus abôios 64
Sinais de carpinos e ovinos 68

2a PARTE

Termos e Expressões Populares 69

COMO É O CARIRI

"O Cariri é o nome regional do planalto da Borborema. Nome que lhe adveio da Nação indígena que viva nas suas terras desde tempos remotos."

"O Cariri é um peneplano cristalino em cuja estrutura predominam os gneisses com intrusões de granitos e intercalações de micachistos, quartzo e veios de itacolomitos, diques de diabase e pegmatitos, estes abundantes principalmente próximo de sua vertente norte-ocidental."

"Seguindo o 7º paralelo sempre na direção E-W até atingir o bordo de sua vertente ocidental na serra da Viração, o peneplano ondula-se com altitudes que oscilam entre 500 e 560 metros."

"No Cariri o clima é semi-árido. Os alíseos de SE do Atlântico Sul, formadores da massa equatorial atlântica, atravessando a planície litorânea, atingem o maciço da Borborema que forma barreira, interceptando-lhes a marcha, obrigando-os a uma ascensão vertical violenta, descarregando a maior parte de sua umidade justamente sobre a zona do Brejo. Transporta essa barreira, eles descem novamente varrendo o planalto. A massa de ar vai sendo aquecida gradativamente pela amplitude térmica diária determinando proporcionalmente a diminuição de sua umidade; como conseqüência as chuvas em direção a W diminuem progressivamente tornando-se mais finas; enquanto há precipitações abundantes sobre o Brejo, elas mal chegam como neblinas até o meridiano de Corta-Dedo".

"A estação chuvosa normal do Cariri vai de janeiro a junho; as chuvas são parciais e irregulares; as primeiras precedidas de fortes trovoadas; a média pluviométrica anual vai de 280 a 700 mm, conforme o ano. A temperatura média é de 28º C, descendo à noite em certos dias sem chuva a 16º C."

"A flora cuja existência é condicionada pela influência dos fatores mesológicos, modificou-se profundamente no Cariri; ela é característicamente xerófila e, excetuando o Juazeiro que conserva a sua folhagem, todas as demais plantas são de folhas decíduas".

"As cactáceas são as principais plantas guias do Cariri; o Facheiro e a Palmatória de Espinhos formam florestas muitas vezes impenetráveis; o Xiquexique alastra-se em grupos densos nos terreno mais silicosos e nos afloramentos de rochas; o Mandacaru vive esparso em todo o planalto; a Cumbeba, de porte elevado e elegante, fica circunscrita ao alto Curimataú, o Rabo de Raposa desenvolve-se em grupos isolados; a Palmatória rasteira vive rastejando nos solos mais secos e duas espécies de Coroa de Frade são abundantes nas caatingas do peneplano."

"Entre a vegetação arbórea e arbustiva predominam as Leguminosas das quais algumas espécies são peculiares ao Alto Sertão tais como a Barauna, os Angicos, a Caatingueira, como também na Caatinga Litorânea bem como o Mari, a Umburana e as Juremas Branca e Preta. A Aroeira e o Umbu que é exclusivamente do Cariri, árvore que fornece ótimos frutos e tem a propriedade de armazenar água potável nas intumescência de suas raizes. O Pereiro, O Pinhão, o Catolé, o Caroá e a Macambira."

"Estão incluidos na Zona do Cariri os municípios de Cabaceiras, São João do Cariri, Sumé, Serra Branca, Monteiro, Soledade, Pocinhos, Picui e parte dos de Umbuzeiros, Aroeiras, Campina Grande, Esperança, Serraria, Bananeiras, Solânea, Araruna, Cuité, Taperoá, Santa Luzia do Sabugi, Patos, Teixeira, Princesa Isabel, Conceição, Bonito de Santa Fé, São José do Piranhas e Itaporanga, com a superficie total de 22.656 quilômetros quadrados." (1)

Hoje existem outros estudos sobre as áreas fisiográficas do Estado da Paraiba, criando-se as micro-regiões, o que vem facilitar o estudo e as diferenças da nossa tão complexa caatinga, ficando, portanto, reduzida aquilo que Clerot havia feito, a micro-região dos Cariris Velhos.

O mestre José Américo de Almeida, descreve a região do Cariri paraibano, quanto as suas transformações ocasionadas por fatores climáticos, da seguinte maneira: "E, à primeira impressão de desprazer, em que a flora agressiva senhoreia a paisagem desnuda,

sucede, inopinadamente, a ressurreição das primeiras chuvas, de uma nuvem que passa, como se a folhagem tivesse caido do céu ou a água se congelasse reverdecendo no manto da babugem.

Não creio que em nenhuma parte do nordeste essa transformação se opere com a presteza e o viço do Cariri" (2).

. . . . . .

(1) — L. F. R. Clerot — *30 Anos na Paraiba.* — Memórias Corográficas e Outras Memórias. — Ed. Pongetti — Rio de Janeiro: 1969 — Pág. 70/75.

(2) — José Américo de Almeida. *A Paraíba e seus Problemas.* 3a. Edição. Revista. A União Cia. Editora. 1980. Pág. 79

LENDAS E ESTÓRIAS

O caririzeiro costuma, como todo nordestino, nas noites de luar, sentar-se no alpendre ou no terreiro de casa para contar histórias ou comentar os acontecimentos do dia-a-dia.
Nessas palestras, é comum ouvir lendas que envolvem os animais da nossa fauna, hoje já tão devastada; assim como fatos ou proezas de vaqueiros, etc.

A lenda da Mãe da Lua é corrente na nossa região e, de acordo com o "contador", localidade, grau de conhecimento sofre alterações. Porém, de todas as versões, sentimos a presença de alguns sentimentos, quais sejam: vaidade, sonhos/desejos, castigos, etc.

A MÃE DA LUA

Era uma vez um rapaz muito vaidoso, que vivia de festa em festa cortejando as mais belas jovens da região.

Certo dia, durante um baile, onde se encontrava toda a "nata" (gente rica), do lugar, apareceu sempre lindo, elegante acompanhado de uma das mais bonitas donzelas do lugar, pela qual estava perdidamente apaixonado.

Alta hora da noite, quando a festa estava no auge da animação, chega um senhor e diz para o rapaz que seu pai havia falecido. E este sem dá muita importância ao fato, continuou dançando e bebendo.

Mais tarde, chega outra notícia de que sua mãe também morrera. E ele responde: Antes ela do que eu! E continuou na sua festa.

Terminando a festa, resolveu deitar-se um pouco para descansar. Seu sono é um sono intranquilo, e logo se acorda com o tropel de um cavalo negro, que se aproxima sendo guiado por um senhor desconhecido e que também se vestia de preto.

— Meu rapaz, começa a falar o cavaleiro, seus pais morreram e você não teve uma palavra de sentimento. Agora eu te pergunto: Que fará você se agora eu te aviso que tua noiva morreu?

Ouvindo estas palavras, o jovem rapaz sente desfalecer e grita um ai! de dor. Quando se acorda, não vê mais o cavaleiro, porém seu coração está cheio de revolta, de dor e angústia.

Por isso, se vê transformado numa ave e que andando pelas estacas e galhos secos da caatinga, grita o seu lamento numa gargalhada sonora, que assusta as pessoas durante a noite. É a mãe-da-lua.

.....

Outras vezes, encontramos a lenda que envolve um dos pássaros mais exótico da região, da seguinte forma.

Conta-se que a Mãe da Lua era uma moça muitíssimo feia e que gostava de andar pelas estradas durante a noite.

Numa dessas caminhadas, encontra-se com um moço ferido em um dos braços. Cuida dele com verdadeiro desvelo, pois seu maior sonho era casar-se. O moço era princípe. E quando recuperou-se, de braços dados a ela, prometeu-lhe casar. Porém, deixa que aparece o luar e mostra ao príncipe toda a feiura daquela moça.

Pedindo-lhe desculpas, o príncipe diz que vai logo alí adiante e nunca mais apareceu.

A pobre moça, começou a chorar e pediu a sua fada-madrinha que a transformasse numa ave. O seu pedido foi aceito. A moça transformou-se numa ave feia e que só canta o seu lamento nas noites de luar.

.....

Observação: "A Mãe da Lua (Nyctibilidae — Nyctibius Grandis) é uma ave de canto sonoro; um gargalhar sonoro, largo, reboante. De plumagem espêssa e abundante, de pardo escuro, castanho cinzento e alvadio. Vive em toda região nordestina."

A LENDA DO FEIJÃO

O feijão mais usado aqui na região do Cariri paraibano é do tipo macassar. Seu grão varia de tamanho e cor. Às vezes é vermelho, preto, pintado, rôxo . . . Em muitos lugares é conhecido por feijão-de-corda ou feijão verde. É muito apreciado nos restaurantes, quando novo, e muito gostoso para comer com melancia, gerimum, umbu ou outro complemento qualquer.

Corre uma lenda de como se originou o seu nome, e o caririzeiro conta assim:

Os bichos ainda falavam. Tamanduá era padre, porco era um tipo de gente ordinária, Maritacaca era freira e assim por diante. Depois, começou a surgir o homem verdadeiro, gente que desconhecia por completo a alimentação como feijão e o milho. Só se comia peixes e pequenos animais, que não falavam.

A caça era abundante e, ali nas caatingas, era um verdadeiro mundo de bichos.

Como de costume, o homem que formava o único casal naquele deserto, saiu para caçar. Nesse dia, parecia que era o dia da caça e não do caçador, pois não conseguiu alvejar nada. Estava mesmo sem sorte. E andando cabisbaixo pela caatinga, chega numa várzea onde uma rama verde se estendia toda florada de flores roxas, que juntavam abelhas em abundância, como também muitas vagens amareladas. Isto lhe chamou a atenção. Apanhou-as e colocou-as no bisaco de couro de rapôsa, e foi embora para casa.

Em casa, a mulher, arisca como uma cascavel, foi logo indagando: E então meu marido, o que mataste hoje?

Ele muito desconfiado, não sabia o que responder. Porém lembrou-se das vagens tirando-as ligeiro do bisaco, mostrando-as.

— Mulher, eu não matei nada. Eu achei essa coisa e trouxe para casa. Foi o meio que tentou para acalmar a esposa. Todavia, ela com desdém, com ironia, falou com as mãos nos quadris volumosos:

— Ah, isto é má caça . . .

Por este motivo é que até hoje o nosso feijão-verde é chamado de "macaça" ou macassar e serve a milhares de nordestinos.

A APOSTA DA ONÇA E O PORCO

Naquele tempo remoto, distante, os animais falavam como gente. E como as pessoas, também tinha aquelas fofoqueiras e arengueiras.

A onça tinha uma rixa tremenda com a maioria dos animais, assim como um forte orgulho de superioridade. Um dia, chega à beira de uma lagoa e vê aquele porco enorme tomando banho.

— Será possível uma coisa dessas? Quem já se viu tomar banho na água que se vai beber? Estava, deveras, zangada. Todavia, o porco continuou tomando o seu banho, pois o calor estava por demais sufocante e a seca parecia, que vinha com muita intensidade.

Houve aquela discussão entre ambos. E de cima de uma barauna, um magricela ouvia toda aquela peleja.

— Pois dona onça, se a senhora acha que é a mais valente das caatingas, eu faço com a senhora um trato: Está disposta a lutar comigo daqui a um mês?

Claro que topava! . . . Era só marcar o dia. E o dia foi marcado, foi riscado no calendário da caatinga; o mandacaru, que se espichava como querendo alcançar os céus.

— Está certo, daqui a um mês, neste mesmo lugar, nesta mesma hora eu venho e vou lhe mostrar que sou a maior, que sou dona das caatingas e lagoas. Hum . . . pois, bem, seu porco vagabundo!...

Saiu esbelta e majestosa à procura de outro bebedouro.

O rapazinho, de cima da barauna, sorriu e prometeu a si mesmo, de que àquela luta não iria faltar.

Desceu às escondidas, apanhou sua lenha e foi para casa. Enquanto isso, o Porco se meteu na lagoa; a luta seria dentro de um mês, e nesse período queria ficar dentro dela, e, assim, preparar-se para a grande disputa.

Nessas alturas, alguns animais ficaram sabendo, mas não queriam participar temendo uma vingança por parte da onça.

Finalmente chegou o dia; o dia em que seria provada a valentia dos valentes. E o rapazinho, de cima da baruna já estava de olhos atentos a todos os movimentos.

Lá vinha a Onça, toda faceira, arrogante. Deixou um cabrito debaixo de uma sombra para saborear juntamente com o sabor da vitória, e se aproximou do Porco que ainda estava deitado na lama da lagoa, cujas águas chegavam ao fim.

— Como é, não vai se levantar para apanhar? Indagou, irônica, a Onça.

Só então, o Porco levanta-se. Estava muitíssimo pesado. Havia passado um mês inteiro dentro da lama e só saía para comer alguma coisa e levar um pouco de sol para secar a lama no corpo.

A Onça admirou-se mudamente com aquela gordura e ficou mais entusiasmada. Seria um bom prato.

E a luta começou.

Cada mordida que a onça dava no porco, só vinha lama. Ao contrário deste, que mordia e vinha carne e sangue.

Passaram-se então, alguns minutos, pois a onça pediu clemência. E com esse pedido, o Rapazinho não pôde deixar de dar uma risada, o que não passou despercebido à Onça.

— Eu ainda te pego, Amarelo safado. Prometeu mais humilhada do que nunca.

— Você pega nada, sua onça molenga. Num tem vergonha de apanhar de um porco! Ria, ria, que suas risadas ecovavam pelas coxilhas.

O tempo passou. Aquela luta ficou célebre entre os animais. Quase ninguém acreditava naquilo, quando num dia de sol muito quente, o rapazinho saiu para apanhar a sua lenha.

Estava bem destraído e até assobiava, quando sentiu uma mão pesada às suas costas. Virou-se, e um riso desesperado e amarelo brotou de seus lábios; era a onça que estava com a cara de quem iria cumprir o prometido.

— Sim, seu Amarelo safado, eu agora vou mim vingar... Tire a roupa. Ordenou. Vamos, tire a roupa! Eu quero começar a lhe comer pelas partes mais moles . . . E começou a pegar no pênis do rapaz. Fique de quatro pés. E o rapaz ficou. Depois, olhou para as nádegas e estranhou aquela parte arredondada e escura.

— Porque é que esse negócio está abrindo e fechando? Perguntou, curiosa.

E o rapaz para se ver livre, respondeu:

— É o porco da lama que quer sair! E a onça soltou-o e saiu numa disparada louca pela caatinga.

Um riso aliviado surgiu no magricela.

A GUERRA ENTRE OS ANIMAIS

O custo de vida a cada dia aumentava. Alguns donos de comércio exploravam as mercadorias de acesso aos pequenos animais.

Os animais que mais sofriam era os de penas, os de asas. Porém, a maioria, esmagada pela fome e pelo tormento dos dias secos de verão, resolveu partir para a luta.

Reuniram-se em assembléia geral. Todos os insetos e pássaros e aves do porte da ema participaram...

Por outro lado, os animais de pêlo aceitavam o desafio e estavam dispostos a ouvir as propostas de uma melhor forma de vida dos insetos e aves.

Não conseguiram chegar a um acordo entre as partes. O jeito que havia era lutar, guerrear. E sendo assim, resolveram marcar o dia da luta.

A preocupação dos insetos e aves era saber de que maneira os inimigos iriam tentar derrotá-los. Por isso, sabendo de uma assembléia geral, pediram a muriçosa que procurasse averiguar. E disfarçadamente, esta penetrou no recinto onde todos os animais de pêlo estavam atentos aos dizeres da Raposa, a líder.

— Meus amigos, será um grande dia. Nós temos que derrotar aqueles vagabundos, aqueles insetos que vivem a chupar nosso sangue, nosso trabalho. Vejam, somos uma classe privilegiada, somos os maiores, temos o poder nas mãos. Portanto, caros colegas de luta, já tenho planejado o nosso golpe. Escutem bem: Sairemos todos de uma só vez. Irei na frente com minha cauda levantada, enquanto ela estiver de pé, estaremos vencendo. Porém, se eu baixar minha cauda, corram porque estamos derrotados.

A alegria foi geral. As palmas explodiam no bosque de turcos e favelas. Enquanto isso, a muriçoca saía para dá a notícia aos amigos, que a aguardavam ansiosos.

A caatinga estava num verdadeiro reboliço. Até o sol parecia incentivar a todos, esfriando um pouco.

Daí a pouco, lá vinha a raposa chefiando o seu bando, avançando com unhas e dentes contra todos. Porém, o seu rabo continuava de pé, apesar dos coices e patadas das emas, erguido como uma bandeira.

No meio de toda aquela confusão, a muriçoca procura aproximar-se da raposa e com o seu ferrão, ferroa o ânus da raposa, que baixa a cauda imediatamente e passa a coçar-se. Os animais, vendo isso, saem em disparada gritando e lamentando a derrota.

O BACURAU NA FESTA DO CÉU

(BACURAU – Família Caprimulgidae
Nyctidromus albicolis Gm.)

"Ave de hábitos crepusculáres, habita em quase todos os países do mundo. Só não exite "curiango nos pólos e no sul do Pacífico". "Há uma numerosa família, numa vasta variedade de gêneros, espécie e subespécies como também muitas características de adaptação ao meio ambiente". (Heretiano Zenaide – Aves da Paraíba).

Muito pobre, vivia o bacurau trabalhando como biscateiro pela caatinga para sustentar a sua enorme prole.
Humilhado, cansado, não tinha direito a ir a uma festa, porque não possuía roupa adequada para tais ambientes.

Os preparativos pra a festa do céu se faziam ouvir pela boca de todos os animais. A festa seria animada pelo urubu com sua viola. Não ficaria ninguém, aliás, ficaria o bacurau.

Os amigos passavam e perguntavam se ele iria à festa. A resposta era sempre o balançar de cabeça e um olhar triste. No entanto, alguém lhe deu uma idéia. Por que não pedir emprestado uma pena a cada um dos pássaros? Depois entregaria.

E assim, o bacarau resolveu, com muita vergonha, pedir aos pássaros. Todos os pássaros se prontificaram e emprestaram uma de suas penas. Com isso, ele pode ir a tão falada festa.

No céu, dançou, brincou, bebeu até se embriagar e só saiu quando dia amanheceu. Mas, ao findar da festa, os pássaros foram logo pedindo suas penas, e o bacurau prometeu que assim que chegasse na terra entregaria-as. Todavia, encontrando-se com o sapo que já havia logrado o urubu, começou o diálogo.

– Não sei, cumpadre sapo, o que faça. Pedi essas penas emprestadas e são tão bonitas, que não quero entregá-las. O que faço, meu Deus? . . .

– Ora meu amigo, não se apavore. Diga, que hora você trabalha? Ah, durante o dia. Bem, então troque de horário. Trabalhe à noite. Só assim os pássaros não poderão pedir a roupa, e se caso eles pedirem, responda: Amanhã eu dou, amanhã eu dou!

Gostando da idéia, o bacurau sorriu e cumpriu a promessa de só trabalhar à noite. Por isso, até hoje trabalha como vigia e sempre que se encontra com um dos pássaros, que o indaga sobre a pena, responde: Amanhã eu dou, amanhã eu dou, amanhã eu dou!

A PIPOQUEIRA

Não há quem não conheça a pipoca. E quem passar por um sítio na hora de meio dia, sente o cheiro dela e uma mulher gritando para que o milho se transforme em flores brancas:

Pipoca bonita
Menina feia . . .
Pipoca bonita
Menina feia . . .

A hora melhor de se fazer pipoca é uma a duas horas da tarde. O sol está quente, bom mesmo para deixar o milho, por instantes, exposto a ele.

Num fogão de trempe, a mulher prende a saia às verilhas, acocora-se, põe o cachimbo à boca, depois coloca um pouco de cinza ou areia no "caco", apanha uma vassourinha de mato capa-bode, enquanto a meninada fica a espreita de que uma pipoca salte do "caco"

Existe superstição ao ser feita uma cacada de pipoca. A primeira recomendação, quando se fala em fazer pipoca, é que ninguém que esteja com "gastura" (Mal estar), com dor de cabeça, não se aproxime para que o milho não vire (mururú). Mulher menstruada não pode fazer pipoca. Porém, mesmo que vire mururú, não tem problema; se faz a fuba que é apreciada tanto no feijão como na coalhada.

O milho mais utilizado para fazer pipoca é o tipo alho.

Para muitos, a pipoca é melhor com sal e manteiga, para o cariri zeiro, que não dispõe sempre disso, ela é mais saborosa sem esses ingredientes, pois dá mais gosto quando colocada no café.

NO TEMPO DAS GRANDES SECAS

A seca era grande. Ninguém podia mais viver pelos Sertões, porque faltava água e comida.

As retiradas se fazem ver pelas estradas empoeiradas. Somente o sol, com sua inclemência manobrava a todos e castigava impiedosamente.

Os sítios estavam ficando desertos. Ouvia-se de vez enquando a voz de alguém chamando um menino ou outra pessoa numa voz minguada, sem forças.

Nesses apertos todos, o caboclo José resolveu sair de casa à procura de alimento, de trabalho em algum sítio, onde a situação estivesse melhor. E assim fez. Botou os muafos às costas, apanhou o seu pífano de estimação e caminhou à êsmo naquela quentura sufocante.

Caminhou, caminhou, em toda casa parava, descansava um pouco e continuava em sua viagem.

Já à boquinha da noite, avistou um casarão de uma fazenda, onde os rebanhos de caprinos tomavam conta do pátio. Animou-se com isso. Aproximou-se da casa e logo foi atendido por um senhor já de idade avançada.

— Boa tarde, meu Amo.

— Boa tarde, caboclo. Donde vem assim desse jeito?

— Já andei muitas léguas, patrão, atrás de trabalho e comida. O senhor, meu amo, não tem trabalho para mim?

— Ah, caboclo, eu tenho um trabalho muito sério prá o homem que tenha coragem. Você tem?

— Depende, meu amo. De que se trata?

— Anda por aqui uma onça pintada que até agora não apareceu quem tivesse coragem de matar. É valente e traiçoeira. Topa?

— Eu vou tentar, meu amo. Só quero que o senhor me dê uma picareta e arranje umas estacas pesadas.

E o patrão providenciou o material solicitado. Mas, já que a noite estava chegando, ofereceu comida e uma rede para o caboclo dormir. Este, por sua vez, desejou dormir no alpendre, sinal de respeito.

No outro dia, o caboclo começou no serviço. Cavou uma valeta funda e cobriu com as estacas. Alí, seria o seu esconderijo para esperar pela onça, que sempre aparecia pela madrugada.

Pronto o esconderijo, o caboclo vai jantar e aguardar a hora de entrar no buraco. As cabras já estavam presas no chiqueiro. Com certeza, a onça viria tirar algum cabrito do curral. Então, seria a oportunidade de matá-la.

Deixando que as pessoas se acomodassem para dormir, o caboclo, escondido, sai para o buraco. Chegando lá, sempre acompanhado de seu pífano, entra e põe as estacas cobrindo o buraco com o espaço para que pudesse entrar a ventilação.

Logo as cabras se apavoram e correm dentro do curral. O caboclo prepara a espingarda mirando por entre as estacas. Nota que a onça se aproxima farejando o ar como que desconfiada, passa por cima do buraco e se acocora deixando o rabo cair entre as brechas das estacas. Porém, ao fazer isso, expele um peido que sufoca o caboclo. Este, se vê tão agoniado com o mau cheiro, que esquece a espingarda e enfia o pífano no ânus da onça, que sai em disparada. E cada salto que dava, o pífano assobiava.

Com esse barulho, o povo da fazenda se acorda. O patrão corre para o curral, e vendo o caboclo, pergunta:

— Oxente, caboclo, cadê a onça, que barulho é esse? Quem toca pífano essa hora?

— É a onça, patrão. E ali narrou o acontecido ao patrão.

A onça nunca mais quiz pegar bode na fazenda.

A REZA APRESSADA

O caririzeiro, sempre crédulo, devoto, admite os fenômenos da natureza como coisas enviadas dos céus. Castigo de Deus, pois das telhas para cima, ninguém deve brincar.

Mas nas épocas das estiagens não faltam aqueles que digam frases injuriosas com os santos, principalmente São Lourenço que comanda os ventos. E na grande quentura, o nordestino costuma assobiar para chamar o vento. Segundo ele, São Lourenço gosta mais de assobio do que puta. Porém, nem sempre os ventos chegam na necessidade, e quando chegam, o santo é mal recebido com expressões de zombaria:

– Pode fechar o frasco, viu? Quando eu queria, não apareceu nenhum pé-de-vento. Agora, soque. . .

O veado de São Lourenço fez eu esperar um tempão. Quase que não limpo o feijão. Ah, desgraçado . . .

E com relação a vinda das chuvas, as pragas e os nomes obscenos figuram no desespero do homem, que substitue as rezas pela descrença.

Mas sempre Deus envia a recompensa com trovoadas assustadoras, enchentes e ventos fortes.

Desta feita, um vaqueiro, depois de um dia cansativo no campo, tangendo gado magro para os lugares aonde havia xiquexique, se dirigia para casa quando formou-se nuvens escuras e pesadas de chuva.

Sentindo que não teria tempo suficiente para chegar em casa, no caminho resolve pernoitar na residência de uma viuva.

— Oh de casa! Chamou na porta.

— Quem é? Perguntou a dona da casa segurando a lamparina.

— É Josenildo, o vaqueiro de seu Antão. Será que a senhora deixa eu dormir aqui? A chuva que vem vindo é grande e não dá tempo chegar em casa.

Nessas alturas, os trovões e relâmpagos tomavam conta dos céus. A viuva, sozinha, estava com medo, e não podia hospedar um homem na sua casa.

Depois de muita insistência do vaqueiro, resolveu abrir a porta.

E cada vez mais a chuva caía. Era dessas chuvas que faz sapo pedir canoa. Chuva de canivete.

A viuva correu para o oratório da sala e ajoelhou-se para rezar juntamente com o vaqueiro.

— Ave Maria, cheia de graça — dizia a viuva.

— Sebo, sebo, sebo . . . complementava o vaqueiro.

No final da oração, a viuva voltou-se para o vaqueiro e perguntou:

— Porque o senhor, enquanto eu rezava o senhor dizia sempre: sebo, sebo, sebo . . .

— Ora, minha senhora, porque sebo abranda até couro cru, quanto mais o coração divino.

ANIMAIS NA BRINCADEIRA

A fauna das regiões do Sertão e Cariri paraibano é empobrecida e tem sofrido grande devastação.
Hoje já não vemos aves como emas, seriemas, jacus e nem tão pouco animais de pêlos.

No entanto, sempre nessa fauna enfraquecida pelo homem, encontramos animais alvo de gozação ou brincadeiras.

Colhidas nessas regiões, anotei as seguintes trovas, sextilhas ou diálogos entre os animais, criadas pela imaginação popular.

GALO DE CAMPINA – família Fringillidae – "cabeça e peito escarlates, mento cor de chumbo, anegrado nos ombros, branco no ventre, crisso, flancos, nuca e lados de peito, é um de nossos mais belos pássaros." (Descrição de Heretiano Zenaide, Aves da Paraíba, Editora Teone – 1954).

Como esse pássaro gosta de comer o milho, que nasce nos roçados nas primeiras chuvas e plantações, o sertanejo costuma dizer dando versos a sua música.

"Zé?
Quem é?
Choveu?
Choveu.
Vamos comer milho?
Cuida, que o dono é brabo!"

PAPA LAGARTA – Ordem Cuculiformes. Família Cuculidae É uma ave frequente na nossa região que segundo o agricultor, quando ele canta, chama as pragas para as plantações; as lagartas, alimentação constante em seu cardápio.

Os meninos costumam lhe imitar da seguinte maneira:

– Severino?
– Gordão, gordão, gordão.
– Chegou lagarta prá teu bundão . . .

CAMALEÕES, CALANGOS E TEJUASSÚS

"Calango matou um boi,
botou um quarto na telha
lagartixa foi bulir
Calango meteu-lhe a peia
isso mesmo acontece
quem bole na coisa alheia."

CAMALEÃO – Nome dado também a uma dança típica da Paraiba, de maior influência na cidade de Teixeira, Santa Luzia do Sabugi, áreas afins.

"Camaleão foi se casar
com a calça sem botão
oxente, camaleão,
Tua calça tá sem botão (bis)
Camaleão foi prá cidade
No caminho encontrou sabiá
Oxente, camaleão, tu não sabes assobiar (bis)
Camaleão foi ao palácio
De ceroulas e jaquetão
segura camaleão
segura meu bem segura (bis)"

A quantidade de versos variam muito e se multiplicam no entusiasmo da dança.

EMA – Ave corredeira e que desapareceu por completo da região do cariri paraibano.

É uma figura de destaque no Bumba-Meu-Boi.

CANCÃO – pássaro da Família Corvidae. O cancão é um passáro que goza de muito prestígio na região. Segundo a crença popular, quem possuir um cancão dentro de casa, evita a doença, principalmente a asma. É um vigilante constante na caatinga, pois denuncia a presença de qualquer animal ou pessoa, além de caçar

cobras, lagartos e pequenos pássaros.

Quando se perde alguma coisa ou se esconde e que está difícil de se encontrar, costuma-se dizer: É difícil que só ninho de cancão." Isso porque o ninho dele é difícil de se encontrar, pois é bastante simples e ele disfarça muito bem, caso alguém note-o no ninho.

PASSAROS AGOUREIROS — Segundo a crendice popular.
ACAUÃ — Ave agoureira que anuncia morte ou doença na família, quando canta sobre as casas.
CORUJA — Também anuncia morte ou desgraça na família, desde que cante como um rasgar de pano.
ANDORINHA — Quando as andorinhas se perdem do banco e se aproxima alguma de determinada residência, é sinal, se for no mês de janeiro, de que vai haver verão prolongado.
CARÃO — Quando carão passa cantando, por exemplo, de norte a sul, ou vice-versa, é sinal de que está havendo ou virá tempestade.
ANUM — O seu canto, quando se assemelha a um choro, é sinal de que está pedindo chuvas, caso não aconteça, é verão.
ESPANTA BOIADA e INAMBÚ — Se estas duas aves cantam no verão, as chuvas estão para chegar.
PEITICA — É considerada como ave de mal agouro, possuidora de espirito de caboclo que vive seguindo os viajantes durante a noite. Seu canto pei-tica desorienta o ouvinte. Dá-se a impressão de que ora está perto, ora distante, e não se deixa ver tal ao poder de dissimulação. Alguns a consideram como o próprio Caipora.

A NOSSA FAUNA

Estão devastando a nossa caatinga. Os fins são os mais diversos, desde a lenha para as padarias e carvão, até a terrível derrubada desnecessária.

Nossos pássaros estão desaparecendo ou emigrando para regiões menos povoadas. Já não ouvimos o canto da araponga e nem vemos mais a volta da asa branca. Os juritis, cada dia que passa, se acabam, onde antigamente víamos bandos a mais bandos dentro dos bosques de baraunas, favelas e umbuzeiros.

Os papagaios . . . coitados dos papagaios. Sumiram-se como por encanto, como também as maracanãs e periquitos, simplesmente porque dizem serem eles destruidores das plantações.

Os guarás também estão desaparecendo. Ainda existe a predominância das raposas, apesar de se verem constantemente em apuros.

Nos rios do Cariri, em períodos de maio até agosto eram cobertos de garças, porém hoje já não acontece pousada de quase nenhuma. Enquanto os patos e marrecas caminham para a extinção pois sobrevivem pequenos grupos, onde a caça é proibida.

As seriemas, ainda existem grupos de cinco ou seis, quando no passado haviam milhares cantando nos tabuleiros orvalhados.

Além desses animais, os pássaros gritantes e cantadores como os sabiás, graunas e outros sofrem os efeitos da devastação, da matança.

Apesar da matança, da caça para viveiros e outros fins comerciais, ainda vivem no Cariri os seguintes animais. Não se trata de nenhum estudo, e sim, pequenas observações, que servirão de alerta às autoridades quanto ao descuido de nossa fauna.

Asa branca, acauan, alma de fato, anum branco, anum preto, azulão, andorinhas, arranca milho, bigode, bacurau, caboré, corujas, carcará, cambonje, casaca de couro, canário, concris, furabarreira, colibri, salta caminho, xexéu, venvem, maçarico, teteu, galo de campina, pintassilgo, gavião peneira, sabiá da mata, grauna, bem-ti-vi, urubu (raramente) negro-tisiu, sangue de boi, papalagarta, peitica, papasebo, mãe da lua, picapau, rouxinol, seriema, rolinhas: cascavêl, cambuta, caldo de feijão, azulão, socó, paturi, marreca, viuva, mergulhão, tim, trinta e cinco, joão besta, sanhassú, saguis, timbú, maritacaca, furão, tejuassú, camaleão, raposa, gato pintado e vermelho, mocó, preá, cobras em geral, guará.

O tamanduá e o papa-mel hoje é uma raridade aparecer no cariri propriamente dito.

CULINÁRIA CARIRIZEIRA

O Brasil, além de ser grande em extensão territorial, dá-se ao luxo de ter na sua culinária uma variedade enorme de comidas.

Em cada região, encontra-se comidas deliciosas com feitios específicos.

No nosso Cariri, embora sejam características de outras regiões nordestinas, encontramos o seguinte:

COCADA

Ingredientes: 2 cocos — 1 quilo de açúcar — 1 copo de leite de vaca.

Preparo — Queima-se o açúcar, junta-se o côco ralado e mexe. Depois põe o leite e leva ao fogo até dá o ponto, que é quando vê-se o fundo da panela.

PÉ-DE-MOLEQUE

Ingredientes: 2 rapaduras (ou mais se preferir), 1 coco grande, 1 quilo de trigo, cravo, canela em pó, erva-doce, pimenta e sal à gosto, 100 gramas de manteiga.

Preparo — Põe a rapadura ao fôgo para derreter em água necessária. Quando estiverem derretidas, coa-se e deixa esfriar. Em seguida, coloca-se os tempêros, e vai colocando a massa aos poucos e vai mexendo até formar uma massa homogênea. Unta-se à forma, assa-se em forno regular. Enfeita-se com amendoim ou castanha.

SEQUILHO DE GOMA

Ingredientes: 1 quilo de açúcar, 1 côco, 2 quilos de goma.

Preparo: — Faça o mel com um pouco d'água, tire o leite do côco com duas xícaras d'água morna. Junte uma xícara e meia de goma e leve ao fogo para fazer o grude. Quando estiver pronto, junte às colheradas ao mel fervente e deixe ferver mais um pouco. Retire do fogo, despeje numa bacia e vá mexendo com uma colher de pau. Depois, coloque numa tábua e vá sovando com as mãos, juntando a goma que fôr necessária. Abra com um rolo e corte no formato que desejar.

PAMONHA

Ingredientes: Milho verde, leite de côco, nata de leite, açúcar à gosto, uma pitada de sal.

Preparo — Retire a palha com cuidado. Corte o milho ou passe no ralador. Coloque as palhas dentro de um caldeirão e ponha no fogo deixando-as ferver a fim de que fiquem moles. Enquanto isso, passe o milho na peneira. Em seguida, coloque os ingredientes. Costure as bordas da palha e enche-a com o milho. Se preferir, amarre-a com barbante ou tiras da própria palha. Na mesma água que ferveu as palhas, coloque-as dentro e deixe cozinhar por uma hora aproximadamente, sempre verificando-as para não deixar pegar na panela. Retire-as do fogo e sirva-as frias.

CANJICA

Ingredientes: Milho maduro, de preferência.

Preparo: Moe-se e passa à peneira. Ponha água no milho. Bota-se sal à gosto e leva ao fogo mexendo sempre. Coloque um pouco de manteiga. Quando engrossar, coloca-se o açúcar, nata de leite e deixa no fogo até ver o fundo da panela.

UMBUZADA

Ingredientes: Umbu, açúcar e leite.

O umbu deve ser de preferência inchado, não muito maduro. Coloca-se a quantidade que quiser para cozinhar na água. Quando os umbus adquirirem uma cor amarelada, tira-se do fogo e deixa-se esfriar. Em seguida, mexe-se com uma colher de pau para que os caroços se soltem. Acrescente o açúcar à gosto. Passe na peneira. Coloca-se o leite que desejar. Pode ser servida gelada.

PÃO DE LÓ

Ingredientes: 225 gramas de farinha de trigo, 336 gramas de açúcar em ponto de pasta, 7 ovos, sendo as claras em neve bem batidas. Ponha as claras e por último a farinha peneirada, levando ao forno rapidamente.

BUCHADA

Ingredientes: Os intestinos do caprino ou ovino, sangue, fígado.

1a. parte — Escorra todas as fezes, lave tudo com muita água e limão, vire as tripas com o auxílio de uma vareta. Ponha no fogão uma panela com água e deixe os intestinos ferver para escaldar. Quando isso acontecer, raspa-se bem o bucho e deixa-o juntamente com o coração, fígado e tripas dentro do limão para tirar o mau cheiro.

Ponha rapidamente os mocotós na água quente e raspe-os. Corte a cabeça toda e retire os olhos e boca. Depois de tudo lavado, põe num caldeirão, fazendo enroladinhos das tripas nos mocotós. O fígado e o coração e sangue picados ou moidos para fazer o enchimento dos buchos, temperando-se com o seguinte: 1/2 colher de sopa de sal, 1 colher de vinagre, 1 dente de alho esmagado, 1/2 colher de chá de cominho e pimenta do reino, 2 colheres de nata de leite, 1/2 colher de colorau, 1 ou 2 tomates sem sementes, 1 cebola grande, coentro verde. Misture esses temperos no fígado e coração picados e faça o enchimento dos buchos, que serão costurados para ir ao fogo. Os mocotós, cabeça, língua e enroladinhos serão colocados no mesmo caldeirão e temperados com os mesmos ingredientes.

Aferventa-se para ir ao fogo no dia seguinte.

PIRÃO DE OVOS

Ingredientes: 2 ovos — temperos verdes e seco à gosto — 200 gramas de farinha de mandioca — 1 colher de nata — 1 colher de colorau não muito cheia — Sal à gosto.

Preparo — Vai ao fogo uma panela com dois copos de leite e um de água, juntamente com todos temperos e o sal. Quando estiver fervendo, acrescente, manteiga e os ovos. A seguir, mexa colocando a farinha aos poucos. Se preferir, acrescente verduras já cozidas e pimenta.

FAROFA DE CIGANO

Meio quilo de carne de sol — 250 gramas de toucinho — farinha de mandioca — Temperos secos e verdes.

Preparo — coloca-se a carne e o toucinho numa assadeira com óleo ou manteiga e cebolas, um dente de alho sovado, até ficar dourado. Enquanto isso, em uma vazilha separada, bota-se um pouco d'água com farinha, juntamente com cebola, coentro e sal. Fazendo essa farofa, deixe-a passar algum tempo para que fique úmida. Depois, é só acrescentar a carne e o toucinho mexendo bem. Sirva-a com arroz e ovos cozidos.

ORELHA DE PAU

Ingredientes: 2 ovos — 2 colheres de sopa de farinha de trigo 1 colher de sopa de manteiga — 4 colheres de sopa de açúcar — 1 colher de chá de sal — 1 colher de chá de fermento — 4 xícaras de fubá ou massa de milho — 1 xícara de leite de côco ou de vaca, canela, erva-doce à gosto.

Preparo — Bata os ovos, ponha o açúcar. Em seguida misture o leite, trigo e fubá, juntamente com os tempêros, mexendo bem até formar uma mistura homogênea. Numa frigideira com óleo bem quente, vá colocando as colheradas para assar. Quando tostar os lados, retira-se do fogo.

Vá assando aos poucos. Pode-se substituir o óleo por banha de porco.

SARAPATEL

Aferventa-se o sangue de carneiro ou cabrito, com um pouco de sal. Em seguida, corta-o em pequenos pedaços. Põe-se todos os temperos verdes e secos. Leva-se ao fogo. Depois de meia hora aproximadamente estará pronto.

CHOURIÇO

Bata o sangue de porco para que não coagule e depois passe na peneira.

Faça um mel de quantas rapaduras quizer (depende da quantidade de sangue) e à parte pile cravo, pimenta do reino, erva doce, castanha.

Junte o sangue e vá colocando a farinha seguida do mel e os tempêros.

Mexa lentamente no fundo da panela para não pegar. Pouco a pouco vá colocando banha derretida ou óleo. Prá dá maior sabor, acrescente leite de côco e castanha moida.

À medida que vai fervendo, vá colocando o mel. Só estará pronto, quando estiver em ponto de corte, o que para alcançar isso, deverá permanecer no fogo durante cinco a oito horas.

Quinze rapaduras, 1 litro de farinha para um litro de sangue, dará a porção de dez a quinze latas tipo doce.

. . . . . .

O caririzeiro aproveita muita coisa de seu meio ambiente, devida a própria situação em que vive. Por isso, encontramos iguarias das mais variadas e curiosas.

O BREDO — é uma erva de bastante aceitação entre a população da zona rural, que apanha nos campos e roçados, para o preparo de sopas.

Põe-se o bredo para cozinhar na água com tempêros, leite de côco e com isso faz a vez de repolho.

A fruta do Juazeiro — é de grande aceitação.

O cuscus da macambira, xerófila que cobre os lajedos dos serrotes. De sua raiz, em forma de tubérculo, raspa-se e prepara o cuscus.

O xiquexique, outra xerófila, que assada dá-se o aspecto de macaxeira.

PIRÃO — Feito com caldo de buchada e farinha de mandioca ou de milho é uma constante no cardápio de nossa gente.
Para acompanhá-lo, deve-se pôr à mesa aguardente ou QUEIMADO, que é uma mistura de aguardente com cinzano ou vinho.

Afora isso, entre os animais silvestres encontramos uma variedade enorme de comidas e preparos.

Os frutos das xerófilas são bastante apreciados.

O DOCE DE CASTANHA

Moe-se a castanha do cajú, acrescenta-se açúcar, cravo, pimenta-do-reino, canela, erva-doce e água. Coloca-se no fogo e deixa dá o ponto. Retira-se quando vê o fundo da panela. Serve-se frio, e fica de cor escura.

O CICLO DAS BRINCADEIRAS

Nas escolas ou nas ruas das pequenas cidades do Cariri, encontramos as mais variadas brincadeiras, as quais obedecem aos ciclos. Por exemplo, o jogo da castanha só aparece, quando é período de cajú; Carro de mão quando começa as primeiras trovoadas, que fazem aguadas.

Na zona rural, as professoras são as maiores promotoras de brincadeiras, ensinando cantigas, bailados, etc.

As meninas se vestem com roupas de papel para poder representar os seus personagens.

Numa festa de escola da zona rural, começam as brincadeiras assim:

Primeiro vem o "quebra-panela", que consiste em colocar um pano no rosto da criança para ver se esta acerta` quebrar uma panela, que é colocada à sua frente. Dentro desta, coloca-se confeitos ou outras vezes, nada. A pessoa que quebrar, ganhará o prêmio em separado para evitar que os outros meninos tomem.

Depois vem as representações, gincanas. Geralmente, representam personagens do seu meio como ciganas e cargueiros, galinheiros, matutos em conflitos, personagens da História do Brasil e da literatura de cordel. E naquela variedade de cores dos papéis, começam a brincar esquecendo a vida dura que terão de enfrentar.

Todos os presentes, sentados nos bancos, ficam calados a espera da menina sacudida que vai cantar os acontecimentos de seu "casamento"

Com as mãos nas cadeiras, canta:
"No dia do meu casório, houve um festão danado . . .
Olhei prá toda banda e vi que não faltava nada.
Tinha pamonha, milho verde assado, leitão à frito e
dois franguinhos recheados . . . (bis)
Acompanharam no meu casório, mais de vinte cavalheiros.
E todos vinham contando histórias lá do Rio de Janeiro
Seu Zé Gonçalves, em seu cavalo, com um cigarrinho
soltando umas baforadas. (bis)
Quando cheguei lá na igreja, o padre logo perguntou:
Mecês querem casar?
Queremos, sim senhor.
Pois se é de gosto, estirem as mãos, estão casados,
vão cuidar da obrigação. (bis)"

Aí então, as palmas estremecem a pequena sala, fazendo com que a menina fique corada de satisfação.

Agora é uma menino robusto e trigueiro em traje de velho, com grandes bigodes feito de "cabelo de milho" colado com grude de trigo, um chapéu de palha rasgado e uma faca-peixeira ao um lado da cintura. Está com vergonha, porque os seus colegas estão fazendo "anarquia". A professora reclama e promete deixá-los de castigo.

Vem ele e uma menina com um lenço no cabelo, um longo vestido que tomara emprestado e um chale de renda.

"— Eu sou velho e sou matuto
porém num só besta não.
essa véia estradeira
só qué gastá o meu tostão.

— Seu Mané num seja besta
porém num seja tão inorante
de home num só há você
apois já tenho outro amante.

— Só num largo essa muié
pruqui é muié briosa
é matuta e faz biête
e faz renda difilicultosa.

— Mané Jão num é teu primo?
Qui má faz nóis cunversá?
De teu primo o mió qui a gente tem
é fazê arrespeitá.

— Num arripita esta palavra
muié danada, muié dos droga
onte eu vi tua cunversa
Cum Mané Jão meu camarada.

— Vamo, vamo maridinho
quero me já daqui saí
quem tem renda tem dinheiro
tem caminho prá seguir".

Nesta música aparece a figura da mulher rendeira, uma personagem que caracteriza o Nordeste, principalmente no litoral, onde o trabalho da mulher é pouco, e para preencher o tempo, faz renda. Também nos Cariri e Sertão ela aparece com suas almofadas e renda trabalhosas, e é cantada pelos violeiros, vaqueiros e foi tema das canções dos cangaceiros.
Sua renda é apreciada, comprada por todo mundo, pois além de ser bem feita, é bonita e mais resistente. Com seus bilros ou carretéis, sentadas no chão de barro batido, com o cachimbo à bôca, contam ou cantam suas modinhas . . . "Quero xerém, xerém com graxa. Quero xerém, xerém com graxa . . . ", enquanto suas mãos hábeis trabalham com delicadeza sobre as almofadas. Seus trabalhos são vendidos na porta de casa aos "galinheiros" ou vendedor ambulante, que correm os sítios trocando e vendendo as suas mercadorias.

Cargueiro, galinheiro são tipos comuns no Cariri. Montados em éguas com caçoás percorrem distâncias por estradas ou veredas solitárias à procura de entregar as mercadorias, pois é o seu principal papel — transportar mercadorias para os centros mais povoados. Hoje, no entanto, a figura do cargueiro ou galinheiro, isso devido ao fato de comprar galinhas ou trocá-las, está praticamente extinta nos sítios, dando lugar ao transporte de pneus. A carroça puxada à boi está substituindo os jumentos e burros.

Sempre de capas escuras sobre os ombros, chibata nas mãos para tanger as mulas, botas longas e chapéu de abas largas, caminham assobiando ou cantando para matar as distâncias.
Na sela, vai a coronha com os víveres, geralmente farinha e rapadura, um cantil cheio d'água, uma coberta de saco de açúcar e cigarros. São semelhantes aos tropeiros que tangendo as suas mulas ou gado, vencem distâncias caminhando no passo lento e duro dos animais, que de vez enquando param e comem capim à beira do caminho.

Agora essas figuras são apenas cantadas nos versos simples dos meninos nas escolinhas ou nas brincadeiras da hora de meio dia à sombra dos avelozes.

Outro casal vai representar o cargueiro, que nas suas andanças, sempre aparece um amor, uma paixão para encurtar os caminhos.

Ele – "Eu vinha no meu burrinho
e encontrei uma caboclinha
eu disse prá meu burrinho
aquela caboclinha é minha.

Dei marcha no meu burrinho
vem prá aqui, ó caboclinha
estou com fome de amor,
não vá me oferecer galinha.

Ela – Moço, você entre
que eu vou lá para a minha cozinha
papai foi à varzante
e ele disse que já vinha.

Ele – Moça, quando seu pai vier
vou pedí-la em casamento
e se ele não me der
o que eu digo, eu sustento

Ela – Moço, vá embora
não arranja o que o senhor quer
eu sou filha de Maria
Esposa de São José.

Ele – Moça, eu tenho dinheiro
tenho fazenda lá no sertão
tenho alfinete de prata
e relógio à correntão . . .

Ela – Eu não quero o seu dinheiro
nem fazenda lá no sertão
não quero todo inteiro
De amor, seu coração.

Apresentamos ainda a figura do beato. O beatismo sempre tem um lugar de destaque nas brincadeiras, nas caatingas. Talvez seja a única esperança que perdura nessa gente sofrida e castigada

por uma natureza, que não é ruim, é apenas mal trabalhada, mal vista.

BRINCADEIRAS DE RODA

As meninas fazem um círculo enorme. Cada uma vestida com a roupa de cor diferente para representar as flores, enquanto os meninos ficam de longe observando-as.

"Somos as flores frescas e viçosas
Cheias de encanto e de fragância
somos as flores mais perfumadas
neste risonho jardim de infância.

Eu, a rosa vermelha, que trás abelha e beija-flor . . .
Eu sou a dália sempre singela, sou amarela de áurea cor.
Eu sou a camélia cheia de vida
Eu, a margarida
Eu, Mal-me-quer
Nós exprimimos amor-prefeito, que trás no peito nosso bouquet
Sou açúcena que a fonte inclina
Eu, Bonina
Eu o jasmim
Eu sou o cravo de aroma fraco
Eu, lírio branco, sou eu por fim".

A CIGANA

CIGANA

Triste e ingrata
É a vida da cigana
Sem ter pátria e sem lar prá descansar
Ainda mais triste se torna o seu viver
Se um amor ela consegue despertar.

Há um jovem que mim viu nestas paragens
Sem saber me despertou louca paixão
É a sina da cigana,
Vou partir ocultando seu amor no coração

MOÇO –

Ó cigana, linda filha do deserto,
Que bem sabes desvendar a lei do fado
Lê, aqui a minha mão, a minha sina
Para ver se sou feliz ou mal fadado

Vê, cigana, se descobre nestas linhas
As tristezas que me esperam no provir.
Vê se o amor desta cigana a quem adoro
Posso um dia, no futuro conseguir.

CIGANA –

Nas linha de tua mão
Oh, belo moço
Do futuro não descubro nada não.
Mas, em teu olhar, no rosto,
Na tua voz vejo o amor
Que me consome o coração.

É loucura esta paixão.
Oh belo moço, jamais pense nesta
Filha do deserto.

MOÇO –

Impossível esquecer-te, Oh, linda ébreia.
Estarás dentro de minha alma sempre perto.

A miragem é como um sonho que se vai
O destino é bem mal e real não se desfaz.
Para mim tu será sempre essa miragem
Tão tangível que se vê nos areiais.

AMBOS –

Vamos, pois a caravana vai partir
Suportamos do destino esse rigor.
E às sombras das frondosas tamareiras
Poderemos festejar o nosso amor.

Quando terminam, junta-se então aos meninos, e vão brincar de "Chinelinho". É um tipo de recreação de bastante aceitação entre a turma.

Formam um círculo. Sai um deles da roda com um chinelo circulando os outros. Depois, deixa-o e corre para não apanhar daquele que viu o chinelo aos seu pés, que persegue o que deixara o chinelo até o local que estava vago. Se acaso o menino ou menina não note que o chinelo está a seus pés, fica presa dentro da roda e paga uma prenda e fica esperando que outro leve a chinelada ou não a veja para poder sair do meio da roda.

MARGARIDA EM SEU CASTELO

Esta brincadeira só participa meninas.

Fazem um círculo e uma delas se ajoelha no centro. As demais seguram a ponta da saia da que está no centro e, sempre circulando vão cantando:

"Margarida em seu castelo, quel, quel, quel.
Vou tirando uma pedra
o que é que vai fazer . . . "

No final de muitas voltas em torno da Margarida, que se vê despojada de tudo, aí cantam: Apareceu a Margarida, olé, olé ou lá . . .

BRINCADEIRA DO INFINCA

A brincadeira do infinca é só para meninos. É constituida da seguinte maneira.

Pega-se um arame de aproximadamente dez centimetros que seja um pouco grosso. Numa das extremidades se faz uma ponta como a de um punhal, e na outra parte dá-se uma pequena envergadura. Esse é o instrumento da brincadeira. Depois reunem-se quantos meninos quizer e fazem um pequeno círculo no chão de barro. Daí em diante, cada um procura acertar com o arame no círculo menor que está dentro do grande. Aquele que mais acertar no alvo ganha mais ponto.

COZINHADO

Choveu!

A noite semi-árida e sem os costumeiros mistérios se transformou numa verdadeira barulheira de sapos e de pássaros noturnos.

O dia amanheceu. É domingo. No terreiro, só se vê quengas de côco espalhadas, que os meninos deixam para fazer "bolo de terra molhada".

É domingo, um domingo divertido. O dia dos cozinhados na beira dos riachos à sombra de um juazeiro ou debaixo do emarenhado dos cipós ariús ou mata-fome.

Os meninos dos sítios gostam de inventar esse tipo de brincadeiras. É muito divertido. Procuram "roubar" de suas casas rapadura, farinha, feijão e, se há matança de bode ou porco, tiram tripas e outras coisas que estiverem ao alcance das traquinagens dos

meninos e meninas. Depois, levam tempero, as panelinhas de barro para debaixo da árvore escolhida para brincar de dono-de-casa.

As meninas tomam conta da cozinha, enquanto os meninos ficam brincando de cavalo-de-pau, de caçadas ou tomando banho nos empoçados do riacho.

Sempre surge uma briga, mas o "chefe" da casa ajeita a situação e termina tudo bem.

Esses cozinhados sempre terminam logo ou levam o dia todo. Assim, que a comida fica pronta tem um ou dois que se apressam para comer. Depois ainda vão para casa pegar o "bernardo".

Quando dura o dia inteiro é cozinhado de verdade acompanhado do café ou chá de folha de juazeiro. Porém, tem o cozinhado simulado, que consiste em cozinhar as folhas dos matos dando-lhes nomes de alimentos como macarrão, arroz, etc.

Criam lendas, estórias fantásticas como a lenda do Zabiúde, que é um cachorro enorme e vermelho que ataca as crianças, quando suas mães saem para as feiras.

Geralmente, as mães dos sítios nos dias de sábado, não têm com quem deixar seus filhos. Eles sempre ficam entregues a si próprios ou na companhia do mais velho. Daí, pintarem o sete. É quando procuram e criam as mais puras brincadeiras como a do cozinhado, o boi-de-osso, para imitar os fazendeiros.

À sombra de alguma árvore ou no oitão fazem currais com pedaços de madeira de tamanho igual, enfiando-os no barro em forma de quadrado ou círculo. O gado são os ossos dorsais dos animais mortos, que encontram pelos tabuleiros, onde são depositados. Cortam-se as saliências e, se for de um bezerro, receberá ou representará um bezerro de brincadeira. Dependendo do tamanho é que é feita a classificação.

Tem os bois do serviço do curral. Estes são representados pelos ossos das patas dos animais.

O carro de boi é feito com tabocas ou tiras de palma forrageira.

Preparam armazém para os cereais, a casa de morada, o barreiro e dão nomes as vacas como lamparina, ferrolho, bola sete, beija-flor, beija-moça, balança, cabaceira, rouxinol, ponta fina, aliança, coração, peitica, ponta baixa, pescoço torto, sirigaita, cocada, fineza, bondade, fantasia, esperança e muitos outros.

Essa brincadeira faz com que os meninos se iniciem na prática do sexo, pois fazem como os bois de verdade nos bois de osso. Tem osso ou "boi" que passa o dia todo em cima da "vaca". Além disso, sempre surge a prática do homossexualismo ou a prática normal do sexo entre menina e menino.

O curral de brincadeira, os cavalos-de-pau, o cozinhado alí perto, a vaquejada é ponto central das recreações dos meninos dos sítios.

Brincam, saciam a vontade, depois, quando o sol começa a pôr o vermelho no horizonte, saem para matar morcegos em alguma tapera abandonada ou nos serrotes, ou então se balançar em alguma galha inclinada de uma caibeira ou angico.

No entanto, pouco a pouco essas brincadeiras estão desaparecendo e dando margens a uma marginalizante urbanização.

BRINCADEIRA DA CASTANHA

O jôgo da castanha é muito simples. Pode participar dele vários meninos, todos com quantas castanhas quizer. Marcam uma distância de uns dois ou mais metros deixam uma castanha, de preferência uma grande, em pé num pequeno monte de areia para que, da distância combinada, seja derrubada. Quando isso acontece, o vencedor fica com todas as castanhas que se encontram na "mesa", isto é, um campo limitado e imaginado. Dessa forma, chama-se o jôgo de pitelo.

A Tila é outra forma de jogar castanha. Pode ter as caracterís-tias do pitelo ou pode ser feita ao longo de um caminho ou calçada. Só pode participar dois ou três meninos. Um deles, joga uma castanha à distância que quizer. O que vem atrás acompanhando joga a sua castanha para acertar na do companheiro. Caso toque, ganha, e assim por diante.

É por ciclo essas brincadeiras. Na época do cajú, surge a brincadeira da castanha. Nas primeiras chuvas aumenta a brincadeira dos carrinhos, pois surge nova pastagem nos campos, os pequenos córregos servem para a construção de pontes para os carros passar.

Muitas outras aparecem como a bola de gude, a dos rolamentos guiados por um arame em forma de gancho, as pipas, pião, cozinhados que enchem a vida pacata das cidades e da zona rural desses Cariris.

O INVERNO E SEUS MISTÉRIOS

O nosso povo é por demais crédulo, principalmente no meio rural, onde todos são socorridos pelos santos, rezas e meizinhas.

Uma das preocupações do caririzeiro é saber se para o ano vindouro choverá. E isso procura-se descobrir no meio ambiente, nas plantas, nos animais pois tudo tem ligação com as chuvas, com Deus.

As primeiras experiências, as observações variam muito ou coincidem de alguma forma.

A partir do começo do ano, iniciam-se as experiências.

Na transição do dia trinta e um de dezembro a primeiro de janeiro, precisamente às vinte e quatro horas, se no horizonte tiver uma preparação para inverno, ou seja, nuvens intensas, o ano será bom de inverno.

Se o inambu cantar fora do período de postura as chuvas estão para chegar.

Se a quaresma entrar sem chuvas, só choverá depois dos quarenta dias.

Se os nássaros fazem seus ninhos e reproduzem fora da estação de acasalamento, com certeza terá chuvas.

Se as abelhas produzem muitos filhos e pouco mel, é sinal de que as safras serão boas.

Se a caibeira flora mais de um lado é sinal de que as chuvas virão daquele lado.

Se o pássaro Furabarreira canta, chuvas trará.

Se o sapo-de-enchente canta no esgôto ou no terreiro é porque os rios virão com enchentes.

Se na primeira enchente, as areias do rio ficam atolando, outras enchentes virão.

Se enterrar uma garrafa com água em baixo da fogueira da noite de São João, e no outro dia ela permanecer cheia, o ano vindouro será bom de inverno.

Se na noite de São João plantar uma cabeça de alho e este amanhecer nascido, choverá.

A experiência com Santa Luzia começa no seu dia, 12 de dezembro, que corresponde ao mês de janeiro, dia 13 será fevereiro e assim até completar os doze dias correspondentes aos 12 meses do ano. Cada dia será observado, e, mediante as características de inverno, saberá quais os meses que serão bons de inverno.

Se a Galinha d'angola estiver com muitos ovos, é sinal de que teremos muito inverno, porém se ela fizer seu ninho em leito de rio, é porque não passará água para levá-los.

Para saber se a galinha d'ángola ou guiné tem muito ovo, mata-se uma delas antes do início da postura, geralmente em dezembro.

Se no início do período do inverno não houver trovoadas e sim, neblinas, é sinal de que o inverno será irregular e as chuvas serão chamadas de "chuvas de manga".

O agricultor vive pesquisando, observando o ambiente numa tentativa de encontrar uma resposta ou uma certeza para garantir o seu trabalho, a sua luta a cada ano que passa.

A partir do mês de junho, quando entra a declinação da caatinga, portanto, uma época de transição, o homem caririzeiro procura se apegar a alguma coisa que lhe dê segurança de uma vida com fartura. O inverno é sua preocupação maior, pois dele dependerá a sua permanência na terra, a alimentação de sua prole e a alegria de poder criar e produzir numa natureza, que bem se assemelha ao seu estado de espírito.

Os santos roubados, as rezas, as adivinhações tudo tem como sentido maior uma forma de vida transformada em chuvas, em fartura de alimento para saciar a fome, enchendo o estômago com o feijão e povoando os sonhos de sentida vida.

CRENDICES, REZAS E ADIVINHAÇÕES

São João — a festa que mexe no espírito da gente e desperta desejos vários.

Logo cedo do dia, vão à caatinga, tiram um carro de boi de lenha de aroeira ou angico para a preparação da fogueira.
Na frente da latada onde vai haver o forró, cavam um buraco e põe uma garrafa para a experiência.

Mas naquele dia cheio de encantamento, muito pouca gente pensará no ano seguinte. Agora é só alegria, amor, vida; uma vida cantada nos versos, nas canções cheias de inspirações.

O candeeiro de quatro bicos dependurada no centro da latada dar ao ambiente com a luz mortiça, um ar romântico, acolhedor, enquanto o sanfoneiro num canto começa a puxar o fole da sanfona e um baião explode entre os presentes, que sentem seus corpos vibrar. E lá fora, a fogueira arde em contraste ao vento frio da noite e ao cheiro do milho assado, do bode e das caboclas que passeiam e fazem adivinhações. Umas pegam uma vazilha com água e colocam duas agulhas virgens representando a pessoa amada e elas próprias. Caso as agulhas se encontrem, é porque a pessoa amada está apaixonada. Se as agulhas se afundam, não há possibilidade de casamento.

Outras, fazem com as brasas da fogueira. Fazem bolinhas de farinha e colocam dentro delas pedacinhos de papel escritos com os nomes de rapazes ou de moças, no caso se for homem que faça a advinhação. Se dentro d'água uma das bolinhas de farinha se abrir, ali estará o nome do amado ou amada.

E o forró continua no calor dos dançarinos, que chega a misturar-se com a poeira do chão batido que levanta.

O mestre-sala observa os dançarinos e reclama: Atenção pessuá, eu quero respeito. Vamo brincá dereito até o sol raiá. As moça qui num corte cavalêro, cavalêro qui num peça dama na folha.

Não há sempre o devido respeito, pois os rapazes sempre procuram uma companheira para levar para detrás do aveloz ou do marmeleiro cheiroso e entrelaçado de capim ervanço.

A buchada desprende um cheiro apetitoso, fazendo com que a rapaziada beba suas cachaças no botiquim com tira-gosto de frango ou enroladinho da buchada.

No terreiro, só se ouve os risos, os sapos nos riachos próximos, os tiros das rouqueiras e dos craveiros ecoando na noite estrelada e enluarada.

É madrugada. Os casais passeiam. Aproximam-se da fogueira para aquecer e trocar juras simples de amor.

É chegada a hora de passar por cima das brasas da fogueira. Os crédulos fazem demonstração, enquanto a sanfona continua a tocar, pois o dia já vem amanhecendo.

As mães procuram não perder as filhas de vista. Nos caminhos os casais continuam abraçados de rostos pálidos, pés cheios de terra. O sangue ainda está quente, o sexo excitado, porém o banho no riacho ou nos barreiros irá tirar o cansaço restando somente a saudade de uma festa, que durou tão pouco.

A FACA NA BANANEIRA

Na véspera do dia de São João, à tardinha, a moça sai furtivamente em busca da bananeira.

Compra-se uma faca virgem, que não é vista por ninguém em casa. À boquinha-da noite, ao acender da fogueira, pede-se a um menino que avise quando as chamas estiverem crescendo, enquanto isso, a moça reza a Salve Rainha até "nos mostrai", quantas vezes quizer. No momento do grito, a faca é enfiada no tronco da bananeira. A moça deve sair sem olhar para trás.
No outro dia de manhã, sem falar com ninguém, retira a faca, que deverá ter o nome da pessoa com quem irá se casar.

CLARA DE OVO – é costume no dia de Santo Antônio ou São João fazer uma experiência para casamento com a clara de ovo Reza-se uma Salve Rainha até "nos mostrai". Quando termina de rezar, parte o ovo e coloca somente a clara num copo d'água e tampa-o com a palma da mão por alguns instantes. Ali, se se formar uma igreja ou um cemitério, estará simbolizando o casamento ou a conformação de ficar sem casar, no "caritó".

Ainda no São João, as moças costumam ficar por trás de uma porta, de preferência a principal, com a boca cheia d'água para não falar com ninguém. Se por-acaso alguém passar pela porta e pronunciar a palavra "não", a moça não fará casamento. Caso contrário, terá casamento. Isso tem a ligação com o ato do casamento, pois o padre sempre pergunta sim ou não aos noivos.

ESPELHO VIRGEM — compra-se um espelho (mesmo no ato de comprar não se deve olhar) e leva-o para casa e coloca-o debaixo do travesseiro.
Na hora de dormir, reza uma Salve Rainha. No outro dia, que será dia de São João, ao levantar-se, tira-o de debaixo do travesseiro e mira-se nele. Aí, aparecerá o rosto do futuro esposo ou esposa.

Assim é uma infinidade de adivinhações que o nosso povo utiliza e crer.
Mas, não fica somente no dia de São João. Durante todo o ano as experiências continuam, porque as chuvas são vitais, o casamento é um apego para as moças, e o povo vive em torno de alguma coisa para poder viver.

Depois que cai uma chuva na noite, e no outro dia logo cedo, as serras amanhecem "cachimbando" é sinal de que as chuvas irão continuar no período da tarde.
"Cachimbando" quer dizer: intenso nevoeiro sobre as serras.

Quando uma mulher está grávida, a coisa que mais a preocupa é o sexo da criança para poder fazer o enxoval. E para isso é costume matar uma galinha e com o coração fazer a experiência. Dar um pequeno corte na extremidade do coração e bota-o para cozinhar. Se ele continuar fechado, o feto será do sexo masculino, se se abrir, será uma menina.

Mulher menstruada não pode visitar pessoas mordidas de cobras ou por cachorro, pois agrava a situação do doente.
Se for picada por cobra, aumentará o derrame de sangue.

Mulher menstruada não pode fazer chouriço, pois o sangue do chouriço coagula.

Quando o menino chora no ventre da mãe é sinal de que terá uma vida futura envolvida com fatos sobrenaturais.
Algumas pessoas afirmam que não somente o menino chora no ventre materno. Os animais costumam fazer isso.

Contou-me uma protestante que tirando palha de algumas espigas de milho na janela, que dava para o curral, onde havia uma vaca em vésperas de dá cria, ouviu um bezerro berrar. No curral não tinha nenhum deles. Preocupada, contou ao pai o que tinha acontecido, e ele respondeu que botasse as palhas para a vaca para ela não perder a cria. Quando acontecia isso era sinal de que a vaca estava sentindo "desejos".

REZAS – sitiano, de maneira geral, gosta de rezar suas orações fortes para livrar-se de inimigos, olhos grandes, castigos e uma infinidades de coisas.

Durante o mês de maio as novenas são uma constante naqueles ranchos e casas de taipa.

A população do meio rural cheia de fé, se desloca das suas casas e vai todas as noites rezar na capelinha ou nas casas grandes, onde a patroa reza sempre um têrço.

Geralmente, em maio faz muito frio durante a noite no Cariri devido as chuvas no Brejo.

A noite é fria e os caminhos floridos de perpétuas e banhados pelo luar. Os sapos passeiam à procura das mariposas, os pássaros alegram o seu mundo noturno e os crédulos caminham animadamente porque os roçados estão cheios de milho e feijão e isto é um bom motivo para agradecer aos santos preferidos.

Conversas, fofocas, gargalhadas enchem a noite.

O oratório, geralmente, fica num dos quartos separado especialmente para as celebrações das novenas. Dependendo da crença, dentro dele estará o santo ou santa padroeira do sítio com suas devidas orações e cânticos.

O altar é enfeitado de fitas, perpétuas, flores de mufumbos e rosedás com velas acesas no pires. Ao redor ficam os fiéis; gente de toda idade.

Começam a rezar; primeiro o têrço, depois as orações de seus santos milagrosos como Santo Antônio para curar doenças contagiosas, São Sebastião para proteger contra a peste e outros flagelos, Nossa Senhora do Pérpetuo Socorro, São José pela paz na família, Santa Luzia contra as doenças dos olhos, etc.

Alí fazem promessas, as quais no ato de serem atendidas são pagas como foram prometidas. Isso gira em torno de uma mão de cêra, um braço, um pé e assim por diante. Essas peças são depositadas nas capelas, cruz de beira de estrada ou oratórios particulares. São os chamados ex-votos.

A coleta de orações fortes é difícil de se fazer porque as pessoas que as possuem não dão, não fornecem a ninguém. Porém nas novenas, a pessoa que coordena os trabalhos, sempre lê nas cartilhas ou adoremos distribuidos pela Igreja.

FARMACOPÉIA

É impressionante a quantidade de remédios caseiros usados pelo povo dos sítios e cidades. São aceitos e aproveitados como verdadeiros milagres.

As doenças mais comuns são tratadas com meizinhas conhecidas no cotidiano e fabricadas pela necessidade, pela falta de dinheiro para comprar medicamentos ou devido a distância dos sítios às cidades.

GRIPE – O chá do eucalipto com alho ou limão. O xarope do alho-do-mato com mel de uruçú. O lambedor da casca do juazeiro, pimenta do reino, eucalipto e a flor do sabugueiro. Para se obter esse lambedor, faz o cozimento.

Para falta de ar, não tem como lambedor do agrião.

ESTÔMAGO – o lambedor da hortelã.

As doenças dos rins são tratadas com o chá da casca da umburana.

CONSTIPAÇÃO E CATARRO – o chá da caatinga branca, ipecacunha e sene feita no leite. O mastruz "ferrado" cura até tuberculose. Para se conseguir isso, lava-se uma pedra branca e coloca-a no fogo. Quando esta estiver quente, põe-se no leite juntamente com o mastruz.

TOSSE – a flor do mussambê. Faz-se o chá e ainda quente dá ao paciente com mel de uruçú. O chá da caatingueira faz acalmar a tosse.

ALERGIA – o banho da casca do marmeleiro, a raiz do mato pega-pinto.

MÁ-DIGESTÃO – O chá da entrecasca do marmeleiro ou olho da goiabeira ou mamoeiro.

CONTORÇÕES, INFLAMAÇÕES E HEMATOMAS – Casca de quixabeira, angico, jucá, favela. Bebe-se a água diariamente.

CORTES E HEMORRAGIAS – Pucumã de bueiro com teia de aranha. Pucumã é o mesmo que fuligem.

EMPINGES – O leite da castanha ou o suco da "cazula" do algodão misturada com pólvora de espingarda.

VERRUGAS – O leite de uma planta trepadeira que nasce em regiões de beira rio ou alagadiços chamada cipó-de-boi ou de sapo. O mel de abelha também é bom para verrugas.

DOR DE DENTE – Um ou dois pingos do leite da favela. Sendo que esta seja virgem, isto é, nunca tenha passado por debaixo dela um defunto, pois caso não seja, o dente não se quebra e nem cai.

OLHOS – O chá do caldo-santo, endro ou arruda. Lava-se os olhos com esses chás.

SURDEZ OU DOR DE OUVIDO – Costuma-se usar o esterco do papagaio misturado com a flor do jerimum. Espera-se que o papagaio defeque e, ainda quente, enrola-a na flor do gerimunzeiro e põe no ouvido. A banha do tejuassu ou da galinha também cura ouvido.

NERVOS – O banho da folha de manga espádua.

REUMATISMO – A banha da cascavel ou sebo dos rins do carneiro castrado ou o chá de bonome.

SARAMPO – A "fulô de tôco", isto é, o exterco da raposa. Faz-se o chá e toma-o morno sem que a pessoa doente saiba. Dá-se o nome de fulô de tôco porque é costume das raposas defecar em cima de pedras ou de tôco.

O chá do cabelo de milho ou do caldo do feijão na primeira fervura.

AZIA – Toma-se uma pequena colher de massa de café.

VEZÍCULA – Raiz do coqueiro e o chá da caatinga branca.

HEPATITE E ANEMIA – O chá do cabelo de côco.

CÓLICAS – A casca do mandacaru. Faz-se o chá antes que o sol nasça para dar melhor efeito.

AMEBA – Hortelã da folha miuda.

DERMATITE – batata de purga. Toma-se o chá e o banho.

DORES – O mato Santa Maria. Faz-se o chá.

APÊNDICE – O chá da raiz da urtiga branca.

HEMORROIDAS – O chá da gogoia, da fruta dessa planta.

BRONQUITE – O lambedor da coroa de frade. Pega-se uma coroa de frade, tira a crosta, põe açúcar e bota para cozinhar até ficar um mel. Depois coa-se. Ou então, bota-a para "serenar" isto é, ficar exposta ao sereno da noite. No outro dia, pela manhã, ainda em jejum, bebe-se o mel.

ERISIPELAS – Queda de cabelo e inflamação – costuma-se dá o chá da babosa.

URTICÁRIAS – O chá da urtiga branca. Da urtiga vermelha serve para Góta, infecções da pele e reumatismo.

FEBRES INTERMITENTES – Chá da folha do juazeiro.

BLENORRAGIAS, Diárreias; Sífilis, Febres – Boldo – Dose de 20 gramas em 1 litro d'água. Tomar quatro a cinco xícaras por dia.

INFLAMAÇÕES E COAGULAÇÕES – Chá da favela.

DORES REUMÁTICAS – Chá da jurema branca ou fusão no vinho.

Pra mordeduras de cobras, usa-se o leite de pinhão bravo e cabeça de negro. Usa-se também brasas em cima da picada, porém só faz efeito se colocadas na hora. Muitos acreditam em rezadeiras ou curandeiros. E acreditando-se curados, chegam muitas vezes à morte.

Para tirar espinho nos animais ou em pessoas, costuma-se usar a banha do cágado e a banha do tejuassu que também cura os males da garganta.

PROCESSO DE CURA PELO RASTRO

Os animais estão sujeitos a criar feridas devido a pequena arranhadura ou estrepada, quando andam pela caatinga, soltos e semi-selvagens. Geralmente, acontece com o gado solteiro ou o gado que ainda não pariu e que não vai frequentemente para o curral. Então, para o vaqueiro, torna-se difícil curar as bicheiras causadas pela mosca varejeira, o que apela para o rastro ou as rezas.

Segue o animal ferido. Conta-se três rastros. Partindo do primeiro rastro diz estas palavras: Cai um, cai dois, cai três. Voltando ao terceiro: Cai três, cai dois, cai um. Antes, porém de dizer essas palavras, pega-se uma pedra que esteja com uma parte enterrada no solo. Quando termina de rezar ou dizer aquelas palavras põe a parte da pedra que estava enterrada para cima no lugar do terceiro rastro.

Acreditam que esse processo de cura faz efeito rápido e que os tapurús caem quando diz cai um, cai dois, cai três.

Para o animal que se envenena com a maniçoba ou tingui, dá como remédio a aguardente ou a garapa da rapadura.

Quando o parto de uma vaca não sai perfeito, o cozimento do pau-piranha é o essencial.

Animal de pêlo arrepiado e triste, um purgante de café amargo, com alho ou então o suco do mato espinho de cigano.

O animal com aftosa, mal que tanto destrói os rebanhos, costuma-se, para prevenir, usar querosene nos cascos.

ÓCA OU MAL DA PONTA – fura-se os chifres para que a febre se acabe.

GALINHA quando quebra uma perna, é costume pilar carvão e misturar com um pouco de goma da mandioca e dá para beber.

O VAQUEIRO E SEUS ABÔIOS

O seu mundo é uma sela, um cavalo bom no campo e nas rédeas.
Não sonha nas grandes ilusões, porque suas ilusões não ultrapassam as campinas douradas onde outros vivem.

As pequenas e grandes façanhas são espalhadas aos quatros cantos de suas caatingas, onde os espinhos quebram-se ao tentar romper as perneiras, os gibãos, o peitoral do animal e o guarda peito do caboclo.

Nos luzidos campos ele é um Deus, e os campos, seus olimpos, porém um deus em andrajos.

Depois de uma campeada, isso acontece todos os dias, dando vistas no gado, nunca procura refratar-se do cansaço, porque sabe que o seu caminho é pedregoso e exige muito e pouco dá, além da satisfação, do prazer de pegar um barbatão em plena caatinga. Depois, tira a vestimenta quente e dura, suada e dependura num cabide no canto da sala, tira a sela do cavalo e, quando almoça qualquer coisa, termina por cuidar do gado. E, mesmo cansado, ainda sabe tirar um verso, um abôio, uma conversa com o patrão.

Nos versos dos vaqueiros, sentimos a presença do machismo, os efeitos morais, o heroísmo.

Em matéria de casamento ele é muito severo na escolha. A moça falada (que o povo fala de seu procedimnto, moça que se põe em dúvidas a sua virgindade e sua moral), geralmente é recusada pelo homem do campo, ao plano de casamento. Não presta casar com mulher que já não seja virgem. E isso é admissível, pois ele deseja o direito de posse, o qual torna-se um ato heroíco na primeira noite de casado.

Costuma-se dizer que: "o caminho estando feito na mulher, ninguém sabe quem é dono. Todo mundo chega possui e pronto!" Até na filosofia da estrada isso é cantado. Num pára-choque tinha escrito: Mulher é como relógio, deu o primeiro defeito nunca mais anda direito.

Os vaqueiros cantam assim:

"Há três coisas neste mundo
Que o homem num deve fazer
comprar terra de questão
fazer negócio sem vê.
Casar com moça falada
pois é corno até morrer."

Nos versos ainda aparecem os preconceitos de cor.

"Xiquexique é pau de espinho
imburana é pau de abelha
rosário de boi é canga
palitó de negro é péia."

"Quando eu saí de casa
minha mãe me perguntou:
meu filho prá onde tu vais
neste tempo de calor
leve cambão de gado
mais num leve de aboiador".

"Meu cavalo e minha mulher
morreram num dia só.
da mulher, tive alegria
do cavalo eu tive dó
um cavalo bom é difícil
mulher eu tenho todo dia."

Os versos de amor também são cantados, mostrando assim a alma poética do vaqueiro. São versos de pessoas quase analfabetas mas com um poder de criação espetacular.

"A moça quando é bonita
pelo andar se conhece
quando ela pisa no chão
todo corpo estremece
parece a estrela d'alva
quando o dia amanhece . . . "

"Açucena quando nasce
toma conta do jardim.
Tomara que meu amor cresça
prá tomar conta de mim."

A cor morena é a mais solicitada pelos vaqueiros, como também a quase todos os homens. Ela é cantada em versos, exaltada, amada como algo precioso.

Sempre encontramos versos que falam da cor morena. Para eles, os vaqueiros, ela representa amor, violentas paixões, o sexo, a mulher ideal para ser companheira por ter coragem, ser quente nas relações. Em fim, ela representa tudo no mundo de um vaqueiro.

"Plantei e semeei
semente preta na mata
nasceu um pé de ciume
a cor morena é quem mim mata."

"Quem quizer moça bonita
escolha da cor morena
da boquinha pequena
do nariz afilado
daquela que a morte mata
e a gente chora com pena".

"Eu nasci numa sexta feira
num sábado batizei
no domingo pedi moça
na segunda mim casei.
aboiei na difusora
coisa que nunca pensei".

"Minha mãe quando eu morrer
num quero choro e nem nada
quero um chapeú de couro
e uma camisa encarnada
prá eu brincar com São Pedro
nas festas de vaquejada."

"Menina dos olhos verdes
sobranceiras de veludo
se teu pai não tem dinheiro
mas teus olhos valem tudo."

É impressionante os versos que encontramos em todo Cariri, aboiados pelos vaqueiros, do homem que luta na sua dignidade dentro da caatinga, levando mufumbos, xiquexique e caatingueira nos peitos, correndo de alto à baixo sem temer, sendo temido e respeitado no lombo de seu cavalo, que sempre recebe nomes como: xexéu, dourado, barra branca, vista alegre, cigano, bolero, meia branca, maribondo, ventania, trigueiro, xaxado, sete e meio, feitiço.

Outro verso simples que mostra o estado de espírito do vaqueiro, quando se sente ferido no amor.

"Já ti quiz, não quero mais
Já ti dei um desengano
Não me importa que tu morras
No sereno, soluçando".

Quando o vaqueiro está amando ou desejando alguma moça, sempre arranja um jeitinho para declarar o seu amor.

"Menina vem prá porta
e trás água prá eu beber
Num é sede, num é nada
é só vontade de ti ver."

O vaqueiro do Cariri, em sua vestimenta, é igual aos demais das outras regiões da Paraiba. Sempre que vão ao campo, vestem a roupa de couro, o chapéu, que por ocasião de morte ou de respeito é tirado da cabeça — tem o chapéu para o campo e para a cidade, geralmente um mais novo do que o outro, de abas curtas. Tira-o também para aboiar, colocando-o sobre o peito, enquanto o dedo indicador é colocado no ouvido para que não sinta a intensidade de sua voz no ato de aboiar.

SINAIS DE CAPRINOS E OVINOS

Nas caatingas do Cariri não haviam cercas demarcando os limites das terras de seus donos. Os campos, cuja vegetação se apresentava exuberante sem devastação, serviam de pasto para o gado e a miunça, que percorriam distâncias, e muitas vezes se perdiam ou eram roubadas. Por isso, o proprietário resolveu criar sinais, marças que pudessem distinguir os animais de seus respectivos donos.

A preocupação do fazendeiro é sempre o inverno, e se espanta com a sequidão dos campos e do mundo, onde as serras tomam tonalidade acinzentada espalhando a desilusão no povo.

Os olhares perquirem os céus em busca de um fio de esperança; um relâmpago, uma nuvem escura que prenuncie chuvas. Nada. Apenas os redemoinhos vasculham os campos para alegrar a inocência das crianças com seus gritos de "rapadura preta com feijão, rapadura preta com feijão . . . " para enraivecer o diabo que vai no vento, e entristecer os adultos com o desânimo do verão.

Mas, sempre tem alguém que resolve sair da depressão com suas gozações.

João estava aperreado com a situação da seca. O gado magro de cair com um vento. Os borregos e cabritos não podiam ser "assinados" por causa das moscas varejeira criando bicheiras nas orelhas e nos umbigos da miunçada.

Conversando com seu cumpadre, num encontro casual, falou:

— Cumpadre, que situação triste. Não aguento mais, vou sair desse lugar e procurar outro para ter pelo menos água para beber com meu gado . . .

— Nada, cumpadre, isso passa. Espere por Deus. Quem espera por ele não cansa. Ele vem devagar mas chega.

— Pois, cumpadre, quando ele chegar não me encontra mais em casa, não . . .

Bem, como as coisas foram mudando, os imóveis passaram a ser registrado no Incra, inclusive no setor de cadastro e registro das prefeituras, começou-se a registrar os sinais e marcas do gado como garantia absoluta de propriedade.

Assim, temos uma infinidade de sinais e marcas que assinalamos a seguir, cujos significados serão encontrados no capítulo seguinte.

Buraco de bala, buraco de bala rachado, forquilha, morsa, arpão, brinco, levada, ponta troncha, garfo, coice de veado, coice de porta, encontro, etc.

A

ABAFAR – Cobrir, esconder, pôr frutas para amadurecer, esconder situações embaraçosas.
ABALAR MOÇA – Desonrar, desvirginar.
ABANAR OS QUEIXOS – Ameaçar, ter atitudes de grosseria.
ABANO – Utensílio de palha de coqueiro feito em forma de leque para avivar o fogo.
ABANCAR-SE – Assentar-se, apoderar-se de alguma coisa.
ABECAR – Agarrar, enforcar.
ABREJAR – Tornar alagadiço semelhante ao brejo; cansar-se, desmaiar.
ABRIDEIRA – Aguardente de cana.
ABRIR OS PEITOS – Morrer, ser corajoso, esbanjar dinheiro.
ABRIR MÃO – Ceder, desistir.
ABISPAR – Avistar, observar ao longe.
À BOCA DA NOITE – Ao entardecer; ao anoitecer.
ABOFAR – Irar-se. José está abofado. Inchado.
ABÔIO – Verso, poesia cantada pelo vaqueiro.
ACABAR COMO COLHER DE PEDREIRO – Enfraquecer de tanto masturbar. Fulano vai acabar como colher de pedreiro
ACABANADO – Se diz da pessoa que tem as orelhas decaídas ou do animal que tem os chifres derreados.
ACOCHAR – Apertar.
ACAUÃ – Espécie de gavião. Família Falconídae. Nome onomatopéico dessa ave ofiodiófaga, que segundo a lenda é de mau agouro.
AFOGAR O JUDA – Praticar o coito.

AFOGAR O GANCHO – Praticar o coito.
AFOLOZAR – Deixar semelhante a fole. Folgar, acabar.
AFULEMADO – Raivoso, acabado.
AFINAR O PELO – Engordar.
AFERVENTAR – Cozir às pressas. Aborrecer-se rapidamente.
ÁGUA DE CHEIRO – Perfume.
ÁGUA DA VIDA – Cangaceirismo que significa leite.
ÁGUA DORMIDA – Água que amanhece de um dia para o outro no pote. Maria, não dê banho no menino sem ser na água dormida. A água chegou agora e pode fazer mal.
ÁGUA CHOCA – Estagnada.
AGUENTAR O REPUXO – Suportar o trabalho, as atividades.
AGRUMENTO – Escola. O menino foi para o agrumento.
ALAVANTU – Palavra aportuguesada. Uma das partes da quadrilha.
ALIMPAR – Ato de roçar, capinar, limpar.
ALUADO – Pessoa abestalhada, o que vive no mundo da lua.
ALUMIAR – Clarear.
ALCOVAS – Camarinha, quarto de dormir.
ALCOVITAR – Participar do namoro que acontece, às escondidas. Se diz da sogra que bajula o noivo.
ALCOVITEIRAS – Lamparina, candeia, lampião.
ALMOCREVES – Fabricante de arreios. Negociante ambulante .
ALISAR BANCO – Namorar, demorar na casa da noiva, demorar a casar.
ALGUIDAR – Objeto de barro de utilidades diversas no lar.
ALMA DE GATO – Ave da família Cuculídea comumente conhecida por Anum branco. Tinguiassu.
AMADRINHADOR – O auxiliar do domador de animais.
AMANHECER COM O RIRI PARA TRÁS – Acordar de mal humor.
AMANSADOR – Domador.
AMARRA CACHORRO – Espécie de trepadeira muito comum no Cariri Paraibano, conhecida também como feijão de rolinha.
AMARRAR NO DENTE – Contar segredo, inconveniências.
AMARRAR NA SAIA – Contar segredo.
AMARRAR O COCÓ – Sustentar. Tornar firme, seguro. Quando a chuva é forte, se diz que ela amarrou o cocó.
AMIUDAR – Se diz dos pássaros quando começam a cantar ao amanhecer. Quando os galos cantam pela madrugada.
AMOLAR O CANIVETE – Ter relações sexuais.
AMOLAR – Fazer o gume dos instrumentos. Aborrecer.

AMORRINHADO – Sem ânimo. Está com gripe.
AMUADO – Aborrecido, mal humorado.
AMUCAMBADO – Se diz daquele que está deitado, coberto com lençol, numa posição aconchegante, encolhido.
AMUFAMBAR – Dormir. Deitar-se, encolher-se a um canto. O menino está ali amufambado em cima do fogão.
AMUNHECAR – Desfalecer. Fazer jeito efeminado.
ANARRIÊ – Palavra aportuguesada. Parte da quadrilha.
ANCHO – Vaidoso, feliz. Os meninos, ao ouvirem esta palavra, num momento de arengas, costumam dizer – Ancho é côcho eu como no prato e você no côcho.
ANDAÇO – Desenteria.
ANDAR NA PINDAÍBA – Está na pior, sem dinheiro, sem nada.
ANGÚ DE CAROÇO – Embrulhada, confusão, briga.
ANTES DE LAMBER O BOI, O BOI TE LAMBE – Tirar uma desforra.

ANTONIO SILVINO – Cangaceiro que viveu na região Cariri, nascido no municipio de Afogados da Ingazeira, Pernambuco, a dois de novembro de 1875, tendo como pais Manoel Batista de Morais e Balbina Pereira de Morais. Morreu em Campina Grande no ano de 1944.
AO DEUS DARÁ – Andar sem destino. Ao léu.
APACATADO – Manchado, atacado de sarampo ou varíola.
APALACAR – Acalmar, esfriar os ânimos.
APARGATAR – Achatar, machucar, aqalhar.

APARTAÇAO – Festa de vaqueiros, quando se processa a marcação dos animais.
APARECER DA BARRA – Amanhecer; o amanhecer quando se forma no horizonte em nuvens escuras.

APERUAR – Espiar, observar de longe.
APERREAR – Contrariar, aborrecer.
APOJAR – Mamar. O bezerro está mamando tanto que já apojou. Arfar-se. Encher.
APOSTEMADO – Inflamado. A ferida apostemou.
A PORCA TORCE O RABO – Expressão que denota embaraço, decisão, resolução.
APORRINHAR – O mesmo que aperrear.
APURADO – O saldo do negócio; investigação.
AQUELES BENGOS – Lugar distante, desértico.
ARAME NO BOLSO – Dinheiro.

ARANHA NA BÔCA – Se diz quando a garganta começa a ficar seca, sem saliva, ao deitar-se. Ou quando o adolescente começa a mudar a voz.
ARANZEL – Confusão, barulho.
ARAPUÃ – Abelha nativa da família dos Meliponídeos que produz mel picante devido a flor do aveloz.Cabelo ruim, enroscado.
ARACUÃ – Espécie de Arara.
ARAPUCA – Armadilha de gravetos para apanhar pássaros.
ARATACA – Armadilha de ferro com garras para apanhar raposas, guarás ou cães.
ARIGÓ – Qualidade de quem é do mato. Tolo. Acanhado.
ARITICA – Bobagem, tolice, asneira.
ARIZIA – O mesmo que aritica. A noiva só conversa arizia.
ARCO CELESTE – O mesmo que arco íris.
ARÇÃO – Parte alta da sela que é feita de madeira.
ARISCO – Desconfiado, cismado. Você está sendo muito arisco aqui em casa.
ARTIOSO OU ARTILOSO – Ardiloso. Menino traquinas.
ARRA – Enfado. Cólera, desaprovação.
ARRASTAR ASA – Namorar, paquerar, chegar de mansinho.
ARRANCA MILHO – Pássaro cujo nome lhe adveio do hábito de arrancar milho, ao germinar, nos roçados.
ARRANCA PREGAS – Nome dado a sela.
ARRENEGAR – Renegar. Não gostar de determinada situação e ter que suportar.
ARREDAR – Sair de perto; azilar.
ARREGANHAR – Mostrar, abrir fendas.
ARREMEDO – Instrumento feito de madeira, que os caçadores utilizam para imitar pássaros.
ARREMEDAR – Ato de imitar.
ARREINAÇÃO – Alegria; arrelia.
ARREADOR – Tira de couro ou corda com que se prende as pernas da vaca para ordenhar.
ARREPENDIDO – Roçado. No arrependido, não resta uma cambuta de milho.
ARREPITA – Repita.
ARREPUNAR – Repugnar. Sentir náuseas.
ARRICULUTAR – Trabalhar, agitar.
ARRIADO NELA – Apaixonado por alguém.
ARRIADO OS QUATRO PNEUS – O mesmo que arriado nela.
ARROMBAR – Deflorar. Estourar.
ARROMBADA – Diz da moça que perdeu a virgindade.

ARRÔTO CHÔCO – Azia. Má disgestão. Indivíduo insistente. Fulano é um arrôto côco.
ARRUACEIRO – Pessoa briguenta; arengueiro.
ARRUINADO – Infeccionado. O caatingueiro deixa e espera que o ferimento arruine para poder retirar o espinho.
ARRUMARÁ – Pássaro de cor acastanhada comum no Cariri Paraibano.
ASA BRANCA – Pomba selvagem da família columbidae muito apreciado pelo seu canto. O símbolo das migrações internas do País. Isso devido ao hábito de voltar sempre que as chuvas começam a cair.
AS ÁGUAS VÃO ROLAR – Os fatos vão acontecer normalmente.
ÁS DE COPA – Ânus.
ASTREVA – Antena de rádio colocada acima das casas.
ASSA PEIXE – Arbusto de campo e capoeira.
ASSANHAR – Zangar, mexer. As abelhas estão assanhadas. Agitar
ASSUNTAR – Pensar, meditar.
ASSENTAR O CABELO – Morrer.
ATAJÁ – Pequeno armário ou caritó feito nas paredes.
ATANAZAR – O mesmo que azucrinar.
A TROCO DE – Por via de, em razão de.
ATUPETAR – Encher. Lotar.
AVACALHAR – Ridicularizar; bagunçar.
AVENTAR – Tornar irado, raivoso, abofar.
AZILAR – O mesmo que arredar.

B

BABICACHO – Tira de couro do chapéu de couro que passa por baixo do queixo do vaqueiro para segurar o chapéu.
BABUGEM – Pastagem nova; quando o mato começa a reverdecer nas primeiras trovoadas.
BACEIRO – Alteração de aceiro, terreno limpo em frente à casa. Pátio.
BACORINHO – Porco novo. Leitão.
BACORINHA – Vulva
BACURAU – Ave noturna e de ocorrência em todo clima quente. Curiango.
BAITA – Coisa grande. Enorme. Membro viril.
BAFAFAR – Barulho, discussão, confusão, falatório.
BAFUTE – Porco novo. Bacorinho. Leitão.

BAGACEIRA – Faca peixeira. Resto de alguma coisa.
BAGE – Vagem.
BAGUNÇA – Desordem.
BALANCÊ – Parte da quadrilha. Dança.
BALAS DE ALTÉIA – Balas de mascar.
BALABANDANHA – Miçangas. Adorno para pescoço.
BALZEU OU BALZEBUTE – Diabo.
BANDEIRA – Reunião de trabalhadores que trabalham de pleiteadas nos roçados.
BANDOLEIRO – Indivíduo que anda em bandos. Criança que se dá bem com todo mundo. Cachorro que acompanha a todos que lhe chamam.
BANGUÊ – Cama de dormir.
BANZEIRO – Moleirão. Vagaroso.
BANZAR – Pensar. Está triste.
BARBATÃO – O bezerro que criou-se no campo e tornou-se selvagem.
BRABO – Peça de madeira para construção de casa. Linha
BARBA DE BODE – Pequena touceira de capim verde e novo. Babugem.
BARAFUNDA – Balbúrdia. Confusão. Arrelia.
BARRODE – Casa pequena de taipa. Casa de bezouro.
BARRINHA – Pessoa de estatura baixa. Pessoa amiga.
BATE BÔCA – Falar. Dizer tolices.
BATER O PÉ – Resistir. Ameaçar.
BATEDOR DE GEMADA – Cavalo que tem boa andadura. Boa marcha. Baixeiro.
BATEDEIRA DE CALÇADA – Prostituta que não tem ponto certo.
BATEDEIRA – Tremura. Febre internitente.
BATENTE – Soleira de porta. Trabalho pesado.
BATEDOURO – Lugar onde se lava roupa.
BATICUM – Batidas. Barulho causado pelo zabumba-Forro ralé.
BATOQUEIRA – Trilha. Batida feita no mato.
BATER COCO – Desistir. A arma não disparou.
BATER COM A LÍNGUA NOS DENTES – Ser indiscreto.
BATER PINO – Desistir. Quebrar a palavra.
BATER UMA CHAPA – Tirar uma fotografia.
BATER A PASSARINHA – Morrer. Não desejar alguma coisa. Não se incomodar.
BATER COM O RABO NO CHÃO – Cair. Bater com as nádegas no chão.

BATER NA CORCUNDA DO PADRINHO – Desrespeitar os idosos.
BATER AS BOTAS – Morrer. Entregar os pontos.
BATER UMA CAIXOLA – Conversar. Ganhar na conversa.
BATER DO BEZOURO – Sacar da arma.
BAUÁ – Onomatopéia. Voz e nome do pássaro da família icteridae
BEIÇO DE GAMELA – Indivíduo que possui os lábios grossos e decaídos.
BEBER ÁGUA EM PÉ – Chover torrencialmente. A chuva é de a beber água em pé.
BEBERIFUTE – Diabo.
BEIRA SECA – Brevidade. Doce envolto em uma capa fina de trigo, feito de mel de rapadura com erva-doce, cravo, pimenta, canela e farinha de mandioca.
BEIJA MOÇA – Pejorativo dado aos jumentos.
BEIRA DE FOGO – Gente pobre que mora nos arredores das cidades. Fuxico.
BEIRADEIRO – Aquele que mora no campo. Matuto.
BEDEGUEBA – Indivíduo tolo. Chefe, patrão.
BELELA – História.
BELELEU – Cadeia.
BELDROEGAS – Arbusto que nasce em alagadiços. Planta ornamental de jardim.
BENTIVI-PATOLA – Bentivi que possui o bico semelhante ao do pato.
BEREU – Corrutela de cabaré.
BESTA FERA – Cavalo que segundo a lenda cavalga com o Diabo a aperrear os viventes.
BICO DE CANDEEIRO – Sinal dos ovinos, que consiste em dá forma de bico de candeeiro na orelha dos animais para diferenciar dos demais donos.
BICHEIRO – Ovino. Pessoa que faz o jogo do bicho.
BILOURA – Vertigem, desmaio.
BIRA – Boi.
BISCA – Pessoa de mal caráter. Má índole.
BIRRAIA – Prostituta.
BIRILO – Friso. Grampo de prender cabelos.
BILRO – Peça de madeira para ajudar no fabrico da renda. Tubérculo novo. Coisa miuda.
BIRIBA – Jogo de carta. A carta principal no jogo. Chefe.
BOA CADÊNCIA – Boa inteligência. Ter inteligência.
BOI CAMINHADOR – Se diz do boi que corre muito e que não usa truques durante o percurso.

BOI DE OSSO — Brincadeira de menino com os ossos dos animais, principalmente do espinhaço. Brincadeira de boi de osso
BOIATO — Boi novo. Novilho.
BOI CABANO — Boi que possui os chifres decaidos.
BOIADA — Bois que servem para o serviço de carro.
BOCA MOLE — Cobra. Coisa fácil.
BOCA DE CABELO — Vulva.
BOCA ABERTA — Palerma.
BOCA DE SAPO — Tipo de vespa agressiva. Abelha.
BOCA DE ESCOVA — Vulva.
BODEGA — Pequena mercearia onde se vende cachaça e fumo.
BODEIRA — Onça parda ou avermelhada que ataca os caprinos.
BODEJAR — Namorar. Diz do bode que está tentando a cabra.
BODETE — O bode novo.
BODE AMARRADO — Estar de mal humor. Estar irritado.
BOFE — Os pulmões. Na gíria gay se diz do rapaz que é "entendido", que gosta ou é homossexual. Fressura dos animais
BOFORAR — Defecar. Cagar.
BOGÓ — Pequeno saco de couro para transportar água. Cantil.
BOLA — Veneno com sebo e vidro para matar cão vadio. Dinheiro que se dar em troca de algum benefício ou trabalho. Dar importância.
BOLOFOTE — Pessoa gorda. Mole. Coisa fôfa. Obesidade.
BONECAR — O milho quando começa a aparecer a espiga
BOQUEIRÃO — Abertura nas serras ou nas cercas.
BORRALHO — Cinzas do fogão.
BORRA — Resto da nata que não se transformou em manteiga.
BORÓ — Cigarro de fumo bruto.
BOTAR PARA SERENAR — Deixar exposto ao sereno da noite, à frieza.
BOTAR OS OLHOS PARA MURCHAR — Dormir.
BOTAR O DEDO NO OUVIDO — Aboiar. Gesto que o vaqueiro faz para aboiar.
BOTAR NO PENDURA — Comprar fiado. Pendura é pequena caderneta onde se anota o débito do comprador.
BOTAR A COURAMA DE MOLHO — Ter relações sexuais.
BOTAR NO PIQUE — Colocar no cabide. No porta-chapéu. Desmonte, e coloque o chapéu no pique.
BOTAR FERVENDO — Agir firmemente. Atuar. Tirar desforra.
BOZÓ — Jogo popular com dados, estes geralmente confeccionados com o caroço de mucunã.
BUCETA — Vulva. Sela de montaria.
BUCHADA — Iguaria feita com os intestinos do carneiro ou caprino

BUFA – Ventusidade expelido pelo ânus.
BUFAR – Irar, soprar enraivecido.
BUFENTA – Nome dado a batata doce por ela causar uma digestão mais prolongada e daí produzir grande quantidade de gases.
BUJÍ – Planta da família das Bignomiaceas. Toro de pau que se costuma andar com ele para defesa pessoal.
BULIADO – Se diz do animal que está gordo.
BUNDARÁ – Quintal, oitão, pequeno terreno cercado.
BURACO DE BALA RACHADO – Sinal de ovino. A orelha do ovino é furada com uma cápsula de bala tendo depois um corte vertical.
BUNDA MOLE – Pessoa medrosa. Mole.
BUQUINHA – Beijo. O negócio é dá um boquinha nela.
BURNÃO – Pote. Utensílio de barro para depósito d'água.
BURRICA – Brincadeira infantil
BURRA DE PADRE – Assombração.
BURGUÉIA – Naquele lugar. Lugar de difícil acesso.
BUSIGUIR – Sapato estragado, velho.
BUTICO – Ânus.
BÚZIO – Instrumento de sopro feito de chifre com o qual o vaqueiro chama seus companheiros distantes para não alertar o gado. Berrante.
BUTIJÓ – Pote com água para o uso doméstico.
BRAÇAGEM – Feixe. Molho. Trazer a lenha, o milho nos braços.
BRAMIDO – Alarido. Choro de criança. Barulho.
BRALHAR – Sujar. Apagar o fogo. Desfazer. Braiá.
BRAÇO DE JUDAS – Cigarro de fumo bruto.
BRECHAR – Olhar, espionar.
BREGUEÇO – Troço velho. Objeto desconhecido. Imprestável.
BREBOTE – Bobagem. Qualquer coisa. Lanche rápido.
BREDO – Arbusto comestível com o qual se faz uma espécie de sopa.
BREADO – Sujo de esperma, de graxa.
BREVIDADE – Bolos rápidos. Doces. Iguarias para servir sobremesa.
BRENHA – Mata fechada. Aridez. Lugar esquesito.
BREGA – Ver beréu.
BREJEIRA – Cachaça. Aguardente feita no Brejo.
BROCOIÓ – Matuto. Caipira.
BROCA – Limpar mato. Brocar o roçado. Devastar. Instrumento de perfurar.
BROA – Bolinhos feito de goma e leite.

BRONCA – Empercilho. Proibição.
BROCO – Pessoa ignorante. Analfabeto.
BROBOLÓGICA – Extraordinário. Espetacular.
BROTE – Pequeno bolo de trigo.
BRIBA – Nome vulgar de víbora, réptil de cor negra ou marrom com listras verticais no dorso, que habita as casas abandonadas e serrotes.
BRIBADO – Encachaçado, ébrios.
BRÍDA – Peça de ferro que se coloca na bôca do cavalo para fazê-lo parar.
BRUGUELO – Menino novo.
BRUACA – Sacola de couro.

C

CABAÇA – Fruto do cabaceiro que serve para transportar água.
CABRA DA PÉIA – Homem valente. O filho do nordestino.
CABELOURO – A nuca. Cangote.
CABIDELA – Molho feito com o sangue da galinha. Molho pardo. Vestimenta usada, dada a outra pessoa.
CABEÇA DE NEGRO – Planta trepadeira de uso medicinal, empregada no tratamento de picadas de cobra.
CABORGE – Ato de bruxaria. Praticar bruxaria.
CABEÇA DE CAMPO – Vaqueiro responsável pelo gado.
CABEÇA DE ESCALOPE – Menino traquinas. Peralta. Coisa miúda.
CABEÇÃO – Peça íntima feminina. Anágua.
CABEÇA (Inventar de) – Fazer de improviso. Criar.
CABECEIRA – Margem. Tanger o gado em cabeceiras. O lugar onde o rio nasce.
CABRA – Homem acabroado. Mulato. Assim são chamados os filhos de nordestino. Nasceu um cabra.
CABRA-CEGA – Brincadeira infantil que consiste em vedar os olhos de alguém para que este consiga tocar noutra pessoa.
CABROBÓ – Ver brocoió. Cidade do interior de Pernambuco exportadora de cebola.
CABORÉ – Espécie de coruja. Môcho.
CABUETA – Indivíduo que delata. Traídor, pérfido.
CACHETE – Comprimido.
CACURUTO – Pico. Ponto mais alto da serra.

CACHIMBAR – Diz-se da serra que no inverno amanhece envolta em denso nevoeiro. Vai chuver, a serra está cachimbando

CACO – Resto de vidro ou alguidar. Panela desusada na cozinha e que serve para assar castanha, fazer pipoca.

CACHIMBO – Licor feito com aguardente e mel de abelha e que se serve em ocasião especial, qual seja o nascimento de uma criança. Nome dado também a vagina dos animais.

CACHORRA DE CÔCORA – Casa pequena. Casa de taipa mal feita.

CACULO – Abundância. Monte, paiol. (Coculo) Medir, avaliar.

CACO DE TORRAR CAFÉ – Pedaço de vazilha para torrar café bruto. Diz-se da pessoa pequena e magra que se reestabeleceu de alguma enfermidade.

CACIMBA – Poço que se cava no rio na época das estiagens

CACIMBÃO – Poço amazonas.

CACHOLA – Papo. Conversa. Diálogo.

CACHIMBEIRA – Assim são chamadas as senhoras parteiras da zona rural.

CACHETAR – Sorrir, zombar. Está com a braguilha entreaberta.

CAÇUÁ – Cesta de cipó feita para se transportar em jumentos.

CAÇAMBADA – Paulada. Porrada. Muita gente junta. Ali vem uma caçambada de gente.

CAÇOTE – Menino magro e barrigudo. O sapo novo em estado aquático.

CAÇOADA – Brincadeira, arrelia.

CAETETÚS – Pequeno animal silvestre.

CAFUNDÓ – Lugar desértico. Esquisito. Longínquo.

CAFIFA – O piolho da galinha. No Cariri paraibano tanto se pronuncia cafifa como cafife.

CAFOFA – Tubérculo comestível do umbuzeiro, com o qual se faz doce. Comida dos cancãos. Os caprinos apreciam-no devido a água existente nele.

CAFUNÉ – Ato de coçar a cabeça. Catar piolho.

CAFÉ COM LÍNGUA – Café puro, sem mistura para ser ingerido.

CAFÉ-MOSCA – Barzinho pobre, ruim ou de péssima reputação. Barraca de feira livre, onde se vende brevidade.

CAGAR – Defecar.

CAGA-SEBITO – Pássaro pequenino da família Tirannidae típico da caatinga do Cariri.

CAGA-ROÇADO – Cavalo pequeno e sem qualidade.

CAGA-FOGO – O mesmo que vaga-lume.

CAGAR NO CHOCO – A galinha quando defeca no ninho durante o seu período de incubação, muda-se todo o ninho pois é insuportável o cheiro. Cagar no chôco é desistir, abandonar. Botar a perder.

CAGAR O REJEITO – Começar a ficar velho. Cagar na roupa. José já anda cagando o rejeito. Está acabado.

CAGADO DA CORUJA – Indivíduo sem sorte. Infeliz.

CAGAÇO – Medo

CHAFURDAR – Mentir, fofocar, fazer confusão, tercer intrigas.

CHARITA – Maritacaca. Mamífero que expele um líquido nauseambundo.

CHÁ DE PANELA – Festa oferecida pela noiva antes do casamento a fim de receber presentes e despedir-se da vida de solteira.

CHAMUSCADO – Levemente queimado. Mal assado.

CHAMBOQUEIRO – Pessoa de rosto largo e lábios carnudos.

CHAMURRO – Boi reprodutor.

CHÃ DE CRIANÇA – Boa educação. Exemplos.

CHAPULETA – Tapa dado no traseiro. Tapa dado na orelha. Glande desprepuciada.

CHAMAR AOS CARRITÉIS – Chamar a atenção, repreender.

CHAMAR AOS PEITOS – Abraçar. Abecar.

CHACOALHAR ou CHACOALÁ – Fazer barulho. Avacanhar. Fazer ridículo.

CAIR NO ÔCO DO MUNDO – Sumir, desaparecer.

CAIXA BOZÓ – Ver cafundó.

CAIPIRA – O matuto, roceiro, o inculto. Jogo de cartas.

CAIÇARA – Cerca velha cujas varas se encontram roídas pelo cupim.

CAIR NOS BRAÇOS DO MORFEU – Dormir.

CAÍSCA – Mala pequena para viagem.

CALAR MATRACA – Calar a boca. Parar de conversar.

CALA BOCA – Faca peixeira.

CALDO DE FEIJÃO – Espécie de pomba selvagem. Rolinha.

CALÇAS PARDAS – Encontrar-se em má situação.

CALUNGA – Boneca de louça. Diz-se também do individuo que sofre de hérnia e usa a sunga para prender os testículos. Estes, são chamados de calunga.

CALOR DO FIGO – Rachaduras nos calcanhares.

CAMUMBEMBE – Cafajeste. Gentinha, pé de poeira.

CAMARINHA – Quarto de dormir. Cama. Xó galinha, de cima da camarinha.

CAMBITO – Gancho em forma de forquilha que se prende aos caibros para dependurar arreios. Ganchos colocados na cangalha para transportar lenha. Mulher das pernas compridas e finas.

CAMBÃO – Caule do pé do milho. Distância que uma rês dá ao cavalo. Motivo de zombaria. Passar a dianteira do adversário.

CAMBONJE – Ave da família Rallidae creciscus que costuma reproduzir em capoeiras dos roçados. Motivo de zombaria para o agricultor que deixa-a fazer ninho no roçado, pois prova a preguiça do trabalhador.

CAMÕES OU CAMOJE – Personagem tradicional que retrata a astúcia e a inteligência. Conta a lenda que certa vez um rei perguntou a Camões o que era melhor da galinha, ao que ele respondeu que era o ôvo. Um ano depois, passando por aquela estrada, o rei perguntou com quê. E Camões respondeu: Com sal!

CAMBUTA – Melancia pequena que amadurece antes do tempo Rolinha, pomba selvagem.

CAMINHO DE ROÇADO – Casa de prostituta que é muito visitado

CAMBOEIRO – Pessoa que transporta comboios.

CAMBRAINHA – Vertigem, desmaio.

CAMISA DE ONZE VARAS – Estar em apuros, aflição. A coisa agora está em camisa de onze varas.

CAMBEMBE – Ver Beira de fogo. Gentinha.

CANIVETAR – Diz-se dos feijoais quando começam a vingar as vagens.. Praticar o coito.

CANELA DE VEADO – Árvore da família das leguminosas muito resistente e ótima para o fabrico de carro de boi.

CANGAÇO – Fenômeno que abalou os Estados Nordestinos, de cunho sócio-político-econômico. Usa-se o termo "cangaço" no Cariri Paraibano como sendo resto de alguma coisa; esqueleto. Pessoa magra. A definição em dialeto indígena, é Canga-gato. Aço - resto. O que o gato deixou. Várias outras palavras como bodocongó (rio dos gatos) Congo (gato) e outras mais, têm o sentido e a formação de uma mesma etmologia. Mulher magra e desprovida de beleza física.

CANTIGA – Modinha, música de ninar.

CUNHÃO – Botas de vaqueiro. Os testículos . Culhões.

CANHÃO – Diz-se das aves quando começam a emplumar.

CANDEIA – Lamparina, lampião. Candeeiro com mais de um bico

CANGALHA — Armação de palha revestida com panos e borracha que se coloca no dorso dos animais.
CANGA — Peça de madeira que se utiliza para juntar bois. Armação de madeira em forma de A para pôr no pescoço das cabras para evitar que penetrem nos roçados.
CANCELA — Porteira.
CANZIL — Parte da canga com que se amarra ao pescoço do boi.
CANGOTE — Pescoço, nuca. Canga pequena utilizada em cultivadores de um só boi.
CANCÃO — Voz onomatopaica dessa gralha apreciada pelos indígenas, pelo fato de alertá-los da presença de intrusos.
CANGUÇU — Onça vermelha. Ver Bodeira.
CAPÃO — Mata fechada. O Frango castrado para engorda.
CAPITÃO DE ASA NO QUARTO — Urinol.
CAPIRUTO — Diacho. Diabo. Menino levado.
CAPUCHOS — Fios de açúcar queimado muito apreciado pelos meninos. Algodão.
CAPUXÚ — Abelha grande e negra que aproveita os formigueiros abandonados para o seu ninho. O mel é de sabor agradável.
CAPIONGO — Tristonho, desconfiado.
CAPILÉ — Suco de abacaxi.
CAPOEIRA — Lugar onde foi devastado e que nascera arbustos, trepadeiras e ervanço.
CAPA VERDE — Diabo.
CAPA DE GOMA — Capa para chuva. Abrigo.
CAPA BODE — Máquina rudimentar para espremer a cana de açúcar.
CAPITÃO — Tombo que se dá nas pedras para locomoverem.
CAQUEADO — Fofoca, mexido. Trejeito.
CARECE — Merece. Necessita.
CARIMÃ — Bolo feito com massa de mandioca.
CARITÓ — Lugar onde se deposita cereais.
CARITO — Determinado peixe de água doce.
CARNAVE — Pretensão. Intensão. Propenso.
CARETA — Máscara de couro que cobre os olhos das reses para facilitar o transporte para o curral.
CARAPINHÉ — Espécie de gavião conhecido também por Carcará.
CARAPINHA — Cabelo de negro. Enroscado. Ruim.
CARDÃO — Cor de cavalo mesclado de branco com marrom.
CARUARA — Doença reumática que ataca os animais recém-nascidos.

CARÃO – Pássaro da família Aramidae que segundo a crença popular adivinha chuvas.
CARANHOLA – Indivíduo infeliz, panema.
CARA DE PAU – Pessoa de pouca conversa.
CARA COMPRIDA – O mesmo que cara de pau.
CARDO SANTO – Planta medicinal da família das Paparáceas.
CARNE DE SOL – Carne de gado polvilhada com sal e exposta ao sol.
CARNE TRILHADA – Luxação. Machucada.
CARAPANÃ – Mosquito noturno, muriçoca.
CARECA DO FULANO – Pênis.
CARNEGÃO – Restos de certos tumores e furúnculos.
CARRANCUDO – O mesmo que cara de pau.
CARRAPATEIRA – O mesmo que mamona. Planta de onde se retira dos frutos, o azeite para queimar, alumiar.
CARRAPETA – O pião pequeno. Menino pequeno. O que roda.
CARREGAR EM DOIS PEREIROS – Era a maneira de como se transportava o defunto da zona rural para o cemitério. Morrer.
CARREGA MADEIRA – Passarinho comum nos Cariris da família Dendrocolaptidae.
CARREGADA – Certo tipo de comida gordurosa e de difícil digestão. A que faz mal à saúde.
CASCABULHO – Cascalho, terra imprestável, cobra venenosa.
CASACA DE COURO – Pássaro de cor avermelhada muito comum na nossa fauna, da família Philydorinae. Gosta de fazer seus ninhos de garrancho junto às vivendas humanas
CASCUDO – Peixes de couro, geralmente ásperos, frequentes nos rios e açudes, pertencentes à família dos loricarideos; recebem o nome também de cumbeba, chupa-pedra pelo hábito de viverem grudados aos seixos dos rios.
CASCÃO DE GOIABA – Dinheiro, ninharia.
CASACO DE RABO – Peça de vestuário feminino. Vestido.
CATATAL – Cama feita de varas ou de lastro de tiras de borrachas, que com o uso fica funda.
CATECHA – Lagartixa, pequeno réptil. Vulva.
CATINGA – Mal cheiro.
CATUCAR O DIABO COM VARA CURTA – Mexer com coisas perigosas sem estar prevenido.
CATUMBA – Indivíduo forte, valente, pesado, seguro, importante
CATRUZAR – O mesmo que azucrinar.
CATRACA – Mulher prostituta.
CATRAIA – O mesmo que catraca.

CATITA – Roedor maior do que o rato comum, de cor cinza escura.
CATREVAGEM – Objetos velhos, sem valor, sujeira, sucata ou coisa desconhecida.
CATUTA – Secreção do nariz, ressequida.
CATABILHO OU CATABI – Solavanco, tombo, balanço.
CATERETÊ – Certo tipo de dança. Folguedo.
CATIRA – O mesmo que cateretê.
CATABIRA – Peça íntima feminina; anágua.
CATAIOBA – Casa de taipa mal feita.
CAVACO – Dar cavaco é não gostar, perder a oportunidade. Flepas de pau.
CAVALO RUDADO – O que tem a cor branca-suja.
CAVALO DE AGUARDENTEIRO – O que pára em toda casa.
CAVALO DO CÃO – Vespa grande e preta, que exala mal cheiro ao ser ferida.
CAVALO MANCO – Certo tipo de dança. O jeito da marcha.
CAXITO – Cavalo pequeno de má qualidade.
CAXAMBÚ – Certo tipo de dança.
CAXINGUELÊS OU CUATIPURÚS – Roedor da família dos Cavieideos.
CAZULA – O capulho, o envólculo do algodão. O ato de floração do algodoeiro.
CHEIO DE NOVE HORAS – Cheio de abuso, desagrado. Pessoa que apresenta duas personalidades.
CHEIO DE NÓ PELAS COSTAS – Cheio de nove horas.
CHEIO ATÉ O GOGÓ – Não suportar mais determinada situação.
CHEIO DOS COBRES – Cheio de dinheiro. Rico.
CHEIRAR A LEITE NINHO – Se diz da moça que namora com o rapaz mais novo do que ela.
CHEDA – Uma das partes da roda do carro de boi.
CHEGAR TERRA NO PÉ DO MILHO – Diz-se do adolescente que começa a criar cabelos na púbis.
CHELELÉU – O mesmo que bajulador.
CHELENGA – Coisa sem valor, inútil.
CHEGAR ÀS ESPORAS – Repreender. Fazer com que o cavalo apresse a marcha.
CHERETA – O mesmo que bajulador.
CRESCENÇA – O ponto a mais que se dá na malha da rede de pescar para que a mesma se abra ao ser jogada na água.
CEVADO – Porco de engorda para se comer.
COBRA DE CIPÓ – Ofídio muito comum no Nordeste. O nome lhe adveio do hábito de viver nos cipós.

COBRIR AS VERGONHAS – Cobrir as partes íntimas. Cobrir o corpo.
COBRIR NO PAU – Dar uma surra.
COBRIR NO DESAFORO – Tratar mal às pessoas com pilhérias pornografias. Esculhambar.
COBRIR UMA FÊMEA – Ter relações sexuais. Praticar o coito.
COBERTOR DE ORELHA – Dormir acompanhado por alguém.
COBERTOR DE POBRE – Cachaça, aguardente. Maneira que o nordestino usa para evitar o frio em São Paulo.
COÇÃO – Parte que se prende ao eixo do carro de boi.
CHÔCHA – A castanha seca, miúda, que não vingou.
CHOCHA BUNDA – Feijão miúdo e duro de cozinhar.
CROA – Ver cacuruto.
COICE DE VEADO – Sinal usado nos caprincs e ovinos.
COICE DE PORTA – O mesmo que coice de veado.
COISA FEITA – Atos de feitiçaria.
COLHEREIRO – Pássaro comum na zona da mata e que parece ter desaparecido.
COLEIRA DE CHÔRO – Pássaro da família dos fringilideos comum na Paraíba.
COLENTO – Indivíduo de má índole, desgraçado.
COM GOSTO DE GÁS – Tomar atitudes decisivas. Fulano encontrou-se com Sicrano e teve uma conversa com gosto de gás.
COM QUEM ESTOU TRATANDO – Maneira de se identificar. Seu Manuel, me aponte e diga com quem estou tratando
COMADRE FULOZINHA – Mito lendário. O caipora. Espírito de caboclo que segundo a tradição ataca os cães dos caçadores, enquanto estes não lhe dão fumo. O que faz tranças nas éguas.
COMER CHÃO PELO PÉ – Vencer distância à pé.
COMER FARINHA – Diz-se do relógio que não marca a hora certa.
COMER PÃO COM BANHA – Praticar o ato sexual depois de outrem;
COMPRIDO – Cavalo grandalhão e esperto no trabalho.
COMPRIDO QUE SÔ PROCISSÃO – Homem alto e magro
COMBRÉIA – Nome dado a certos tipos de espingardas antigas, de feixe, que se carrega pelo cano.
COMO DEUS CRIOU BATATAS – Ver ao Deus Dará.
COMETA – Caixeiro Viajante que demora a aparecer em determinados lugares e que passa pouco tempo.
CONTAR GOMA – Contar vantagens, engrandecer-se.

CONTAR FAROFA – O mesmo que contar goma.
CONSTIPAR – Diz-se de quando o individuo está em plena excitação sexual.
CONTAR UM CAUSO – Narrar um fato, um acontecimento.
CONCERTINA – Certo tipo de sanfona, harmônica.
CONSOLA CORNO – Cigarro de fumo bruto feito com palha de milho.
COROCOXÓ – Namoro escondido. Falar em segredos.
CORTADEIRA – Peça de ferro que se coloca no focinho do boi ou cavalo para fazer freiar.
COROA DE FRADE – Certa cactácea de onde se faz um lambedor para curar catarros ou tosse.
CORANTE – Creme para o rosto. Colorau.
CURRIMBOQUE OU CORNIMBOQUE – Estojo de chifre onde se deposita rapé, tabaco. É conhecido também por artifício. Nome dado ao instrumento feito de chifre cheio de algodão com o qual faz fogo.
CORTA SEIO – O mesmo que sutien.
CORPINHO – Peça de vestuário feminino.
CORPETE – Ver corpinho.
CORTAR – Diz-se da moça que se recusa a dançar com alguém e vai com outro. Isto é motivo de ofensa e brigas.
COSTELA DE LADO – Ter alguém muito íntimo. Estar de namoro.
COSTAS QUENTES – Ter pistolão, ter padrinho na praça.
COSTANEIRAS – Vaqueiros que vão atrás da boiada.
COPIAR – Alpendre, sala de estar.
COURO DE ARRASTO – Couro cru usado em serviço para transportar barro, com auxílio de bois. Pejorativo dado as pessoas magras.
COURO DE SELA – Pano usado debaixo da sela para evitar ferimento no animal. Pessoa esquelética.
CUBAR – Espiar, olhar, medir.
CU DE CALANGO – Ferimento entre os dedos dos pés. Menino pequeno e entrometido.
CU DOCE – Mulher metida a rica, melindrosa.
CU DE BOI – Confusão, entrigas, rixas, barulho.
CUFAR – Morrer.
CUITÉ – Cabaça pequena para encher lata d'água ou servir farinha à mesa.
CUMBUCA – Cabaça aberta numa das extremidades para colocar algodão preparado para fiar; lugar onde se cria passarinho novo, lugar onde se guarda objetos pequenos.

CUMBEBA – Tipo de cactácea, cujos frutos são apreciados pelas emas. Indianismo que quer dizer "língua chata".
CUPIRA – Abelha de mel saboroso e medicinal que nidifica em cupins.
CURRIOLA – Muita gente junta. Turma. Brincadeira.
CURRUPIAR – O mesmo que rodopiar, girar.
CURIAR – Espiar, olhar, olhar com curiosidade.
CURICACA – Grande ave ribeirinha
CURAR NO RASTRO – Rezar. Processo de cura que o vaqueiro utiliza para sarar o animal doente de bicheira.
CUSPIR BALA – Estar em estado de excitação sexual. Estar com a garganta seca ou com saliva grossa. Estar para vomitar.
CUTUBA – Ótimo, de primeira.
CUPITELO – facão de ponta curva.
CHUMBADO – Estar ameaçado de doença.
CHUVA DE MANGA – Parcial, irregular.
CHUVA MODERNA – Sem trovão, calma.
CHUPAR – Ato de praticar o sexo oral, Sugar.
CRUVIANA – Vento frio na parte da noite. Redemoinho noturno
CRUEIRA – O algodão que não brotou. A lã emprestável.
CHIADO – Onomatópeia do barulho de réptil andando sobre folhas. Barulho de água fervendo, arrastar de chinelo.
CHIBANTE – Estar bem vestido, elegante.
CHIBUNGO – Homossexual, fresco.
CHIMBEL – Vulva, vagina.
CHINICA – Cocô de galinha.
CHINCHO OU XINCHO – Peça de madeira de forma quadrada onde se coloca o queijo. Vagina.
CHITA – Tecido de má qualidade, geralmente estampado.
CRISTA DE GALO – Doença venérea.
CILIBRINA – Desgraça, estar de azar.

E

ECA – Naúseas, repugnância.
EGUANÇAS – Besteiras, bobagens.
ERA UM DIA A BOIADA – Morrer, acabar-se.
EZIPRA – O mesmo que erisipela.
EITO – Ver bandeira.
ELE É BAIXO – Locução que indica dúvida ou pouco caso.
EMBATUCAR – Ficar atrapalhado. Ter empercilho.

EMBEIÇAR – Abraçar, beijar, juntar-se.
EMBEIÇADO – Apaixonado.
EMBIRA – Fiapo de corda, raiz de trepadeiras, fio de casca de árvore que serve de amarra.
EMBOLOAR – Diz-se do mingau que não ficou bem mexido.
EMBOLAR – Rolar, cantar rapidamente, misturar. Gênero de cantiga dos repentistas, vestígio do milho na canjica que não cozinhou.
EMBRENHAR – Entrar no mato fechado, desaparecer.
EMBROMAÇÃO – Ato de enganar. Fazer hora no trabalho.
EMBRUACAR – Pôr em bruacas.
EMBURRADO – Estar de mal humor.
EMPAIOLAR – Colocar em paiol.
EMPINAR – Pôr as nádegas para cima. Selar-se.
EM PONTO DE BALA – Pronto para o coito.
ENGAMBELAR – Iludir, enganar. Levar na conversa.
ENCAFUAR – Colocar, guardar roupas desajeitadamente.
ENCAFIFAR – Intimidar.
ENCAFIFADO – Tímido, encabulado.
ENCATITADO – Aquele que olha indefinidamente. Estar sem fôlego.
ENCATITAR – Olhar firmemente.
ENTITELADO – O mesmo que encafifado.
ENCAPETADO – Aquele que pratica ato do capeta, do diabo.
ENCHARCADA – Adoentada. Pessoa que vive constantemente de mau humor.
ENCANAR – Diz-se do milho quando começa a florar.
ENCAPOTADO – Diz-se do cavalo que anda com a cabeça curva para o peito.
ENCRENCA – Confusão, bagunça.
ENCHORRILHADA – Coleção de pilhéria. Seqüência de palavrões
ENCARQUILHADA – Apertada. Enrrugada. Encarcar, tomar.
ENCRIQUILHADA – Encolhida, amuquecada.
ENFADAR – Cansar, aborrecer.
ENFIEIRA – Gancho comprido de arame ou cipó que se utiliza para transportar peixes.
ENJEITAR – Diz-se da vaca que recusou a cria.
ENGENDRAR – Tornar torto, pendido.
ENXÓ – Pequena machada.
ENRABICHADO – Apaixonado.
ENRABICHAR – Pegar a rês pelo rabo.
ENRASCADO – Difícil de sair, demorado.
ENTONADO – Vestido, metido.

ENTURIDO – A pessoa que comeu além do limite, empazinado.
ENTUPIGAITAR – Entupir, encher, estar sem defecar.
ENXERTAR – Amojar, engravidar.
ENXÚ – O mesmo que enxame; variedade de vespa.
ÉPA – Desaprovação, espanto.
ERVANÇO – Certo tipo de capim.
ESCABRIADO – Enfurecido, enraivecido.
ESCRACHAR – O mesmo que esculhambar, pilheriar.
ESCALAFEDER – Desaparecer. Sumir.
ESCALABRIADO – O mesmo que escabriado.
ESCALDADO – Desconfiado, esquivo, temeroso. Gato escaldado tem medo de água fria. Leite quente com farinha de mandioca e açucar.
ESCALAFABÉTICO – Extraordinário, maravilhoso.
ESCAMBICHAR – Quebrar, partir-se ao meio.
ESCANCHAR – Montar em cavalo sem a sela. Aproveitar-se de alguém.
ESCARAMUÇAR – Saltitar, pular. Diz-se do animal que está no cio.
ESCAVACAR – Escavar, cavar.
ESCONDER – Diz-se do animal que esconde a cria diante a presença humana.
ESCORA – Carroça. Cigarro de fumo bruto.
ESCONDER O CADÁVER – Morrer.
ESCULACHADO – Acabado, desmantelado, velho.
ESCULHAMBADO – Maltrapilho, abandonado, esculachado.
ESCUPETEIRO – Exímio rastejador.
ESCURUBIROBE – Ver escalafabético.
ESCURECIMENTO DE VISTA – Vertigem, tontura.
ESFEBREADO – Ver escabriado.
ESFOLEGADO – Rasgado, folgado.
ESGRAVATAR OS DENTES – Limpar os dentes. Ficar sem ocupação.
ESGULAPAR – Partir, abrir ao meio, deflorar.
ESBANDALHADO – Partido em bandas, o que perdeu-se do rebanho.
ESGANGUELADO – O mesmo que esbandalhado.
ESBODEGADO – Acanhado, encabulado.
ESBORRACHADO – Aquele que dorme estirado. Aquele que caiu, sofreu uma queda.
ESBREGUES – Carão, repreensão.
ESPLANAVIADO – Pessoa que topa tudo.
ESPANCADO OU EMPANCADO – Acuado, enrascado.

ESPARTILHO – Cinta, cinturão.
ESPÉCIE – Mistura que se coloca ao mel para fazer doce.
ESPELHO SEM LUZ – Pessoa que se põe à frente de outrem.
ESPICHAR – Estirar, armar o couro com varas para secar ao sol.
ESPOJAR – Deitar em espojeiro, revirar na terra.
ESPULIER – Barulho, motim, briga.
ESQUIPADOR – Diz-se do cavalo que tem boa andadura.
ESQUIPAR – Vadiar, brincar.
ESTANDA – Cachoeira, cascata.
ESTAR LAMBENDO UMA RAPADURA – Estar esperando uma oportunidade para uma desforra.
ESTAR EMPENANDO – Diz-se do adolescente que começa a criar os pelos da púbis.
ESTAR LIGA – Estar de namoro. Estar concordando.
ESTAR DE VACA CAÍDA – Estar sem dinheiro.
ESTAR DE VOAR PEDRA – Estar apaixonado a ponto de enlouquecer.
ESTAR CHUPADA – Estar acabada. Diz-se da moça que muito namora.
ESTAR FURICANDO – Diz-se das calças íntimas feminina quando começam a entrar nas nádegas.
ESTAR MATANDO – É quando as calças apertam os órgãos sexuais masculinos.
ESTAR NA HORA DE JURITI BEBER ÁGUA – Estar na hora de agir, de esperar o desejado, estar desconfiado. Ao entardecer ou amanhecer.
ESTAR QUEIMANDO – Estar soltando grande quantidade de peido.
ESTAR NO COURO – Sofrer uma surra, apanhar. Estar sofrendo.
ESTAR NA LONA – Estar na pele de outro ou estar pobre.
ESTAR NO CHÃ DE AROEIRA – Estar sofrendo por alguém que se ama.
ESTAR NO OSSO – Estar sem cuecas.
ESTAR SURRADO – Estar sofrido, aprendido com a vida, estar maltrapilho.
ESTAR NAS BARATAS – Estar sentindo as dores do parto.
ESTAR NOS EIXOS – Reposto de algum objeto tornado a seus cômodos.
ESTAR ESTIQUE – Estar excitado sexualmente.
ESTAR COM SEDE – Sentir vontade de praticar o coito.
ESTAR SECO – Abstinência sexual.
ESTRADO – Fogão de lenha.

ESTRADEIRA – Mula viajeira, caminhadeira. Pessoa esbanjadora que se aproveita da situação.
ESTAFERMA – Doente
ESTREPE – Espinho, furada que leva os animais no campo.
ESTRIPULIAR – Traquinagens, brincadeiras.
ESTRIBUCHAR – Mexer, bulir, tentar levantar ou sair do lugar e não poder. Estar agonizante.
ESTILENGADO – O algodão que o vento espalhou do algodoeiro, derrubou.
ESTIAR O PAPO – Parar de conversar, calar.
ESTOURA BUCHO – Aguardente de péssima qualidade.
ESTROVENGA – Foice para roçar. Coisas difíceis.
ESTOPA – Saco ralo para transportar algodão. Estar com raiva, abofado, irado.
ESTRUPIADO – Os cascos doloridos, cansado, enfadado.

F

FACÃO – Pejorativo dado a pessoas altas e magras.
FADO (MULHER DO) – Mulher prostituta, rameira.
FALAÇÃO – Muita conversa. Discurso feito antes de começar o forró.
FALAR O CÔCO – Atirar, trabalhar
FLANAR – Enganar, brincar em serviço.
FRANGOTE – Rapaz novo, o galo novo.
FARRAMBAMBA – Bravata, indivíduo fanfarrão.
FAROFA DE CIGANOS – Iguaria feita com toucinho de porco, carne bovina assada, tempero diversos e farinha de mandioca e ovos.
FAREI PRESENTE – Cortesia.
FARINHA DE BROGROSSA – Farinha obtida da semente de mucunã depois de longo processo de lavagem.
FATO – Os intestinos dos animais.
FAVA DE STo. INÁCIO – Nome vulgar da planta da família das cucurbitáceas, jandirioba ou manjerioba.
FAZER FEIJÃO – Errar durante a quadrilha, misturar.
FAZER FIGURA – Fazer bonito, aparecer perante os outros.
FAZER ESTRAGOS – Ato de gastar dinheiro, depedração.
FAZER UMA FALA – Ver falação.
FAZER QUILO – Descansar. Entrar num ambiente onde ninguém dá importância.

FAZER GOSTO AO CÃO – Morrer, não deixar de apanhar alguma comida que caíra no chão, quando se deliciava.
FAZER DAS TRIPAS CORAÇÃO – Fazer-se de forte.
FAZER FITA – Fazer bonito, esnobar.
FAZER BONITO – O mesmo que fazer fita.
FEDEGOSO – Mato que exala mal cheiro, com propriedades medicinais
FEDER A CHIFRE QUEIMADO – Diz-se do ambiente carregado, pesado.
FREGE – Alegria, barulho, motim.
FRETEIRO – Indivíduo que carrega fretes.
FERRO FRIO – Faca peixeira.
FERREIRO – Belo pássaro da família Cotingidae, que quando canta imita o ferreiro batendo na bigorna. É chamado também de Araponga.
FEIRA DO BACURAU – Final de feira, ao entardecer.
FEIO QUE SÓ BRIGA DE FOICE – Comparar alguém a. . .
FERRAR NAMORO – Namorar firmemente, para casar.
FERRAR NO SONO – Adormecer profundamente.
FICAR ENGALHADO – Diz-se do vaqueiro que não conseguiu acompanhar aos demais.
FICAR NA LONA – Ver estar na lona.
FICAR NO CANTO – É quando o filho mais velho cede lugar ao recém-nascido.
FICAR EGUANDO – Andar sem rumo, esquecido.
FICAR NA CHUVA – Embriagar-se.
FICAR DE ORELHA EM PÉ – Ficar atento.
FIFIU – Ânus, vagina.
FIOFÓ – Ânus. Lamparina, Lampião.
FRIVIOLA – Ver frege.
FIXÚ – Chale.
FOGO APAGOU – Espécie de rolinha conhecida por rolinha cascavél, de canto mavioso.
FOGO DE MONTURO – Traidor, pessoa pérfida.
FOFO–TE–BEI – Arma de fogo.
FOJO – Lata aterrada em veredas para apanhar preás, tendo na superfície uma tábua desequilibrada com uma isca ao meio, para quando o preá fôr comê-la a tábua inclinar e ele cair dentro da lata, enquanto a tábua volta à posição anterior. Armadilha.
FOLOTE – Frouxo, folgado, muito gordo.
FONA – Tamborete de três pés.
FORMIGA DE ROÇA – O mesmo que saúva.

FORRÓ – Dança, baile ao som de acordeon.
FORROBODÓ – O mesmo que forró.
FORGANÇA – O mesmo que forrobodó.
FUNDUNÇO – Forró com mulher da vida. Baile ralé.
FORQUILHA – Sinal de miunças, que consiste em fazer um "V" na ponta da orelha.
FOSFOEIRA – Isqueiro, lugar de guardar fósforo.
FOVEIRA – Doença venérea. Câncro mole.
FUÁ – Cabelo ruim, grande e despenteado, Mistura. Forró ralé.
FUBAZENTA – Roupa bastante usada.
FUBICA – Carro velho, Prostituta velha.
FUCHINCÓI – Mexerico, intrigas, brigas.
FUÇAR – Furar, cavar com as fuças.
FUEIRO – Parte do carro de boi, peça móvel nas laterais da carroceria para equilibrar a carga.
FULENGA – Homem de estatura pequena. João ninguém.
FULÔ DE TÔCO – Exterco de cão ou raposa. Dá-se esse nome devido ao hábito de cagar em cima de tocos ou pedras, principalmente as raposas.
FRUNCHÊ – Arrelia, balbúrdia.
FUNGAÇÃO – Respiração ofegante na hora do coito.
FURICO – Ânus
FURABARREIRA – Pássaro de ocorrência em quase todo o Brasil da família Bucconidae.
FURÃO – Animal mamífero comum nas caatingas.
FUSACA – Baile, brincadeira com radiola; barulho.
FUSO – Objeto de madeira para fiar algodão.
FUTRICA – Fuxico, mexerico.
FUTE – Diabo.
FUXIQUEIRO – Mexeriqueiro.
FUZUÊ – Confusão.
FUZIL – Ver cornimboque.

G

GAIOLA – Pequena embarcação do Rio São Francisco. Casa de taipa.
GAITADA – Gargalhada.
GABAÇÃO – Elogios
GAFANHOTO – Pessoa magricela.

GARGULINA – Vertigem, desmaio.
GAGO – Tato. Defeito na voz, pessoa embriagada.
GALINHA GORDA – Brincadeira dentro d'água.
GALINHA CHÔCA – Período que a galinha deixa de pôr. Brincadeira dentro d'água.
GALINHEIRO – Vendedor ambulante, mascate que percorre os sítios comprando galinhas.
GALINHAGEM – Frescuras.
GANGARRA – Perequito da família Psittacidae.
GANGORRA – Padaria, lugar onde se vende pão. Brincadeira infantil.
GANZELÃO – Apelido de pessoa alta e magra.
GRAMPÃO – Cavalo de péssima andadura. O mesmo que ganzelão
GARAPA – Aproveitar as oportunidades. Mel de açúcar ou rapadura.
GARAPEIRO – Aquele que se aproveita.
GASTURA – Mal-estar. Estar com fome.
GASTANÇA – Ato ou efeito de gastar.
GEBARA – Lixo, resto de cerca ou outro material que as enchentes deixam nas ribanceiras.
GREGAR OLHOS – Olhar firmemente. Não dormir. Passar a noite em claro.
GRETA – Vulva. Tabaqueiro, lugar onde se coloca rapé.
GERIMUM JANDAIA – Espécie de abóbora amarelada.
GERINGONÇA – Máquina rudimentar. Geringonça.
GINETE – Cavalo pequeno
GRINFA – Prostituta.
GROLÓ – Bôlos feitos sem muito preparo.
GOGA – Bravata, pabulagem.
GOGO – Nome dado às minhocas. Doença que ataca as galinhas.
GROGUE – Dose de aguardente.
GODERAR – Pedir, esperar pela sobra dos outros.

GORGOMILO – A goela, princípio do esôfago.
GUARAPIRÁ – Ave da família Fregatidae.
GUARDA PEITO – Peça da vestimenta do vaqueiro.
GUEBA – Piolho. Guyba – no tupi.
GUENZO – Cachorro magro e rabugento. Indivíduo de má índole.
GUIA – Pessoa que vai à frente da boiada, geralmente utilizando um pano vermelho.
GRUGUMIR – Vomitar.
GRUMITAR – Alteração de vomitar.
GRUGUNULO – Sangrar no vão.

GRUNIR – Ladrar, chorar.
GURIATÃ – Passarinho muito comum no Nordeste.
GRUGUNADO – Falatório, conversa.

I

IGAÇABA – Alguidar de cerâmica decorada.
IMPEREIRADO – Envenenado. O que não fez a digestão.
INCELENÇA – Cânticos de velório. Excelência.
INCRUADA – Ver crueira.
INCHAÇO – Inchação, inflamação.
INCONGURADO – Velho, cansado.
INCORUJADO – Capiongo. Tristonho.
INFITETE – Diabo.
INGICAR – Tornar aborrecido, intrigado.
IMPAR – Diz-se do cavalo, quando levanta as patas. Vomitar, sentir naúseas.
INHACA – Mau cheiro produzido pelos órgãos sexuais.
INVERTER ÁGUA – Urinar.
INTIQUEIRO – Ver. Fuxiqueiro.
IR BOIAR – Sobrar. Ficar ao léu. Jantar.
IXE – Maneira de reprovar, rejeitar, sentir repugnância.
INCOMODADA – A mulher no período de mestruação.
INDEZ – O ovo que se deixa no ninho como chamariz.
INGRESIA – Complicação, embaraço.
INXÚ – O mesmo que enxú.
IR MARCAR TERRENO – Defecar no mato.
ISIPRAR – Sair de perto, sumir.

J

JABÁ – Carne seca, charque, ceará.
JAGUNÇO – Cabra, cangaceiro, pistoleiro.

JANJÃO – João.

JIRAU – Lugar onde se lava pratos ou guarda as panelas. Onde se coloca os animais doente, que não se sustentam em pé.

JÁ LANCHOU – Desvirginou.

JANDAIRA – Certo tipo de abelha de mel saboroso.

JANOTAS – Rapazes.

JARAMATAIA – É o nome vulgar da Vitex cymosa e Vitex garduriana, planta da família das Vernenáceas.

JATÍ – Espécie de vespa.

JEDER – Diblo, passar truques.

JITIRANA – Palavra indígena, planta nociva e trepadeira.

JOGAPAU – Camarão de água doce da família dos Palaemonideos

JOSEFAR – Namorar.

JUCÁ – Planta da família das Leguminosas.

JUMENTO SEM MÃE – Indivíduo tolo, abestalhado.

JUMENTO DE LOTE – Jumento reprodutor que cruza com éguas

JUTAÍ – No indígena – o espinheiral. Nome de cão.

JUCULETEIRA – Nome dado aos jumentos.

L

LABACÊ – Luta, trabalho, sujeira, misturada, lama.

LABUTAR – Trabalhar. Palavra que adveio do Latim e que permanece do jeito que os caboclo nordestinos receberam de seus colonizadores.

LAMBEDOR – Mel feito com ervas medicinais para curar bronquites, resfriados, etc.

LAMBER – Matar, passar a faca.

LAMBE-BEIÇO – Faca de ponta.

LAMBANÇA – Gabolice. Tem gente que gosta de lambança.

LAMPIÃO – Bandido ou cangaceiro pernambucano, nascido em Vila Bela, hoje Serra Talhada, no ano de 1897 aos sete dias do mês de julho, filho de José Ferreira dos Santos e Maria Sulema da Purificação, que atuou em todos os Estados do Nordeste. Morreu em 28.07.1938 no lugar Angico, Estado de Sergipe, juntamente com Maria Bonita, sua companheira, e vários cangaceiros.

LAMPARINA – Candeeiro de um bico, candeia.
LAMBORADAS – Chicotadas, surra, pauladas
LAMBISQUARA – Qualquer coisa. Rapariga velha, coisa sem valor.
LANÇAR – Ver dar de comer a veludo.
LAPADA – O mesmo que lamborada. Dose de aguardente.
LAPO DE CABRESTO – Tira de couro cru ou de sisal que liga à cabeçada ou cabresto dos animais.
LASCA PEITO – Cigarro de fumo bruto.

LATUMIA – Latido de cães.
LAZARINO – Delgado, esbelto.
LEBRÉIA – Roupa usada e bastante velha.
LENÇOL DE ALMA – Farinha de mandioca.
LENGOTENGO – O barulho do chocalho.
LÊNDEAS – Os ovos do piolho, as fêmeas do piolho ou mucurana nova.
LEOBINO – Diabo, ladrão, assaltante.
LEPOLEPO – Nome dado a alpercatas. Alpercata de rabicho.
LEROLERO – Conversa fiada, embromação.
LERAS – Graças, brincadeira.
LEZO – Indivíduo tôlo, abestalhado. Sem iniciativa.
LEVADO – Menino traquinas, peralta.
LEVAR TUNDA – Apanhar, ser repreendido.
LEVAR TÁBUA – Correr, fugir, apanhar.
LEVAR CAÇAMBADA – O mesmo que levar tunda.
LIBRINA – Nebrina.
LIGAR AS ANTENAS – Ficar de alerta.
LILIO – Roubo

LIMPAR GOELA – Beber cachaça.
LOCOLOCO – Aguardente de cana.
LOROS – Tiras de couro que sustentam os estribos da sela.
LORÉ – Moça que passou dos trinta anos e não casou.
LOLÔ – Pessoa ingênua. Tôla.
LUGAR DE MURO BAIXO – Lugar onde o povo se imiscui na vida alheia.
LUA DA SELA – Parte traseira da sela em forma de meia lua.

M

MANGAIO — Pequenos objetos para uso doméstico, vendidos em pequenas barracas de pano nas feiras livres do Nordeste.
MANINHA — A fêmea infecunda.
MANICHULA — Cabaré, lugar onde só há bagunça.
MANJUBA — O membro viril masculino.
MANJERONA — Planta da família das Labíades de uso medicinal e que também é servida como café.
MANDASSAIA — Certo tipo de vespa.
MANGA — Cercado, revezo, manga de pastoreio.
MANGAR — Sorrir, zombar.
MANGOÇA — O mesmo que mangar.
MANTA — Couro de caprino curtido que serve para forrar o lombo da montaria. Peça do vestuário feminino.
MANTEIGA DE ENTRE PERNAS — Manteiga da terra.
MANTELHUDO — Diz-se do animal que está engordando.
MANUEL VAQUEIRO — Pássaro da família Dendrocelaptidae de cor avermelhada.
MANULICHA — Pistola, arma.
MANZANZA — Ronceiro, vagaroso, demorado.
MÃO ABERTA — Muito bom. Amigo de toda hora.
MARIA BONITA — A companheira de Lampião.
MARIA FITA — Passarinho parecido com o Galo de campina. Também chamado de Cravina.
MARIA VAI COM AS OUTRAS — Pessoa que se deixar levar na conversa.
MARIA BESTA — Pássaro da família Tyrannidae.
MARIA MUNHECA — Masturbar-se
MARIA DAS ORELHONAS — Designativo dado às jumentas, animais com os quais o adolescente pratica zoofelia.
MARRÃ — Ovelha que ainda não pariu.
MARCHANTE — Matador profissional de animais.
MAROMBA — Rebanho de gado bovino.
MARMELEIRO — Planta da família as Bignomiáceas, de uso medicinal.
MARANHÃO — Bode reprodutor.
MARCADOR — Relógio.
MARCADO — Certo rítmo de dança.
MARROTE — Pão francês.
MARRUÁ — Novilho semi-selvagem muito comum nas caatingas do Nordeste. Prendê-lo é motivo de júbilo.

MARMOTA – Caretice, mímica, macaquice.
MASTRUZ FERRADO – Fervimento produzido por pedras quentes dentro do leite, juntamente com o mastruz, para remédio.
MASSAPÊ – Terra boa para plantação de cana de açúcar. No Cariri, massapê é terra imprestável.
MATA BURRO – Grade de ferro entreabertas sob um buraco, que substitui as porteiras nas estradas.
MATA CALADO – Certa planta nociva. O mesmo que tingui ou bola.
MATAR UM OVO – Fritar.
MATARIA – Mata fechada.
MATURI – A castanha verde do caju.
MATULÃO – Sacola que se transporta nas costas. A saliência dos órgãos sexuais masculinos.
MATUTO – Assim eram chamados os vendedores ambulantes.
MATUTAR – Pensar, está pensativo.
MAZOMBO – Triste, isolado, pensativo.
MAZUMBA – Assombração.
MEGANHA – Polícia.
MÊLÊ – Instrumento de percursão. Zabumba.
MELENGA – Coisa rala. Ter pouco cabelo.
MELECA – Briga, confusão.
MEDE LÉGUAS – Ver bacurau.
MEIA LUA – Ver lua da sela.
MEISINHA – Remédio caseiro.
MEIO BRINCO – Sinal das miunças.
MEIO ENCOLHIDO – Retraído, triste, cabisbaixo.
MERENGAR – Dançar Merengue.
METRO DE VARA – Medida correspondente a metro.
MEQUETREFE – Indivíduo ralé.
MEXER COM OS MIOLOS – Pensar, planejar.
MIÇANGAS – Intestino, miudo dos animais. Fressura.
MIJA EM PÉ – Feijão miúdo e de péssima qualidade.
MIJOLO – O bezerro novo.
MIJORÉTICO – Remédio vendido por raizeiros ambulantes.
MINGAU DE CACHORRO – Mingau ralo de água, sal e farinha de mandioca. Mingau levanta homem.
MIUDINHO – Rítmo para se dançar o forró.
MIRAQUITÃS – Tipo de miçanga indígena feito de feldespato verde polido.
MIOLO DE POTE – Conversa sem sentido, besteira.
MIUNÇA – Ovinos e caprinos.

MIXIRRAR – Urinar.
MOCA – Café.
MOÇA FALADA – Moça que perdeu a virgindade.
MOÇA BRANCA – Abelha de mel saboroso.
MOCOSA – Caverna de serra.
MOCÓ – Roedor comum no Nordeste. O matuto, o que vive no mato.
MOLE – Mercadoria de contrabando.
MOLHAR O PAVIO – Ter relações sexuais.
MORSA OU MOSSA – Sinal de miunças. Marca na orelha de uma rês.
MORCEGO – Qualidade de quem é albino, sarará. Carona.
MORRÃO – Facho para alumiar. Fuligem de lamparina.
MORDER DE FURTO – Diz-se do cachorro que morde furtivamente.
MOSQUITO – Pequena abelha que nidifica em oco de pau.
MOSQUEIRO – Pequenas barracas onde se vende café e bolo groló.
MORTO NO PANOS – Indivíduo sem iniciativa, molenga.
MOURÃO – Estaca que se coloca no meio do curral para prender o animal.
MOXÔXO – Estalido dado com a ponta da língua numa atitude de reprovação.
MUAFO – Ambiente de má categoria. Cabelo ruim.
MUCUMBUCO – Cabaça furada na parte superior para guardar objetos de costura ou criar passarinho.
MUCUIM – Mosquito parasita.
MUCUNÃ – Espécie de trepadeira com a qual se faz um condimento excessivamente tóxico.
MUCURANA – Ver lêndeas.
MUCUMBÚ – Osso da espinha dorsal. O côcix.
MUCIÇA – Puxão que o vaqueiro dá no rabo da rês para derrubá-lo
MUDAR DE COMÉDIA – Mudar de pastagem, de comida, de conversa.
MULINGA – Pessoa inquieta.
MULHER DE PÉ REDONDO – Nome dado às jumentas.
MUMBUCA – Ver mucumbuco. Certo tipo de vespa.
MUNGANGA – Ver marmota.
MUNIÇÃO DE BÔCA – Alimento.
MUNDÉ – Arçapão, armadilha para apanhar passarinho.
MURMURA – Orvalho, sereno da madrugada.
MURURÚ – O milho que não virou pipoca.
MURRÃO DE BOI – Planta que nasce nos alagadiços e que desprende um cheiro desagradável.

MURICI – Árvore de fruto saboroso.
MUSSAMBÊ – Planta medicinal.
MUTÁ – Armadilha para abater veados e outros animais.
MUTUCA – Môsca grande que ataca o homem e os animais. Pedaço de palito que se coloca na pessoa enquanto dorme, e queima-se.
MUQUÉM – Seca, muqueada, tostada levemente.

N

NABAÇA – O caçula, o filho mais novo.
NAÇÃO – Casta de gente.
NECAS NENEN – Nada disso, coisa nenhuma.
NANICO – Pessoa de estrutura baixa. Galinha de raça pequena.
NA PONTA DA LÍNGUA – Estar com a resposta ou pergunta imediata.
NA PRENSA – Relações sexuais.
NAPILAXA – Piquenique, passeio recreativo.
NÃO DAR ÁGUA A PINTO – Ser esperto, não abrir mão.
NÃO TER NEM PÉ NEM CABEÇA – Não ter fundamento.
NÃO TER NO CÚ O QUE O PERIQUITO ROA – Não possuir nada.
NÃO SE AVENTE – Não se aborreça.
NÃO HÁ MOSQUITO – Não há embaraço.
NÃO DAR O BRAÇO A TORCER – Não entregar os pontos.
NÃO ESQUENTAR LUGAR – Não se demorar num lugar.
NÃO DAR MURRO EM PONTA DE FACA – Não tomar partido para não tirar proveito disso.
NÃO BATER A PASSARINHA – Não se preocupar, não dar importância.
NEGO TISIU – Pássaro da família dos Tringilidae comum em viveiro devido ao seu canto mavioso.
NENECA – Manoel
NESSE INTREMENTE – Nesse instante, durante esse tempo.
NÓ DE ROSA – Nó feito na extremidade da corda em forma de rosa.
NÓ – Nojento.
NO GIRO DA VENTA – Em direção de.

NO TEMPO DO RONCA – Antigamente, outrora.
NO PREGO – Diz-se da mulher que engravidou sem querer.
NOS PANOS – Diz-se do vaqueiro que vai ao campo sem a vestimenta de couro.
NOVENA – Exaltação dada pelos foliões quando o baile está animado. A novena foi até o quebrar da barra.
NARIZ ARREBITADO – Pessoa irassível.
NESTOZÃO – Pessoa alta e esquelética.

O

OBRIGAÇÃO – Trabalho, casamento. Estão casados vão cuidar da obrigação.
OCA – Doença que ataca os chifres do bovino deixando-os ocos.
OCO DO MUNDO – O mesmo que fim do mundo.
O COURO DAR CONTA – Diz-se de quando o carneiro já serve para matar, cujo couro presta para vender.
OIÇA – Ouça, ouvido.
OLHEIRO – Vigia, vaqueiro que cuida de um cercado.
OLHO DE CURURU – Pessoa que tem mau olhado.
OLHO DE GATA PARIDA – Pessoa que tem os olhos esverdeados e pulados para fora.
ONDE O DIABO PERDEU AS ESPORAS – Ver cafundó.
ONTONCE – O mesmo que então.
ORELHA DE PAU – Bolo de milho temperado com erva doce e canela.
ORELHA EM PÉ – Ver ligar as antenas.
ORELHA DE ABANO – Grande, derreada.
ORELHUDO – Diz-se da miunça que ainda não foi assinalada, marcada.
O ROLA – Doença que ataca o casco dos animais.
OXENTE – Admiração, indignação.

P

PABOLA – Indivíduo que gosta de gabolice, conversa fiada, contar grandeza.

PABOLAGEM – Conversa fiada, fanfarronice.
PACOTE – Saliência à amostra dos órgãos sexuais masculinos.
PACAU – Jogo de baralho.
PACAIA – Cigarro de fumo bruto.
PACALHO – O mesmo que Pacaia.
PACHOLA – Vaidoso, garboso.
PACUTINGA – Peixe fluvial da família dos Myletes.
PAGÃO – Vestimenta de recém-nascido. Menino que ainda não se batizou.
PAGODE – Forró, Fuzuê. Baile.
PAI DE CHIQUEIRO – Bode reprodutor, que exala mau cheiro. Homem que não casou.
PAI DE FOGO – O mesmo que Cornimboque.
PAI D'EGUA – Expressão muito usada como sortudo, exagerado, homem garanhão. Também se dá o nome de cobertor.
PAI JUDAS – Brincadeira popular mais conhecida como "o toca".
PALEIO – Conversa em segredo. Brincadeira.
PALEAR – Levar a colher a bôca. Comer. Retirar terra com a pá.
PALAGANA – Facão, prato sopeiro, alguidar.
PLANTAR NO SECO – Engravidar a moça antes do casamento.
PANCA – Quer esnobar, aparecer, botar panca.
PANÇA – Barriga grande. Está crescendo a pança.
PANEMA – Indivíduo palerma, tôlo.
PANACÚ – Cesto oblongo para transportar bagagens.
PANTIM – Cavilação, medo, assombração.
PÃO DE LÔ – Bolo pequeno feito de trigo.
PÃO DURO – Avarento.
PAPA CAPIM – Passarinho muito apreciado nos viveiros devido ao seu canto. Família Fringillidae.
PAPA LAGARTA – Insetívoro das caatingas da família Cuculidae.
PAPA SEBO – Pássaro gafanhoteiro da família Cuculidae.
PAPO AMARELO – Determinado tipo de rifle.
PAPO DE EMA – Bolsa de couro ou maleta.
PAPAR MOÇA – Desvirginar.
PAPEL PANÇA – Fazer papel ridículo.
PAPUDA – Aguardente de péssima qualidade.
PAPUDO – Indivíduo alcoolatra.
PARARI – Pomba de arribação. Lugarejo do município de São José dos Cordeiros, Paraíba.
PARNAIBA – Tipo de faca.
PARABELO – Palavra aportuguesada do latim para-bellum. Revólver.
PARRUDO – Aquele que é forte, espaduado.

PARA O SEU JERERÉ – Só para si, ser egoísta.
PRAGATA – O mesmo que alpercata.
PRANCHA – Os pés largos.
PASSADA – Diz-se do cavalo que tem boa andadura, boa passada.
PASSARINHA – Plêura.
PASSAR NO TALO – Comer, deflorar, vender.
PASSAR UM SEIXO – Enganar, furtar.
PASSAR NOS COBRES – Vender.
PASSADOR DE GADO – O mesmo que tangerino, boiadeiro.
PATAVINA – Coisa nenhuma.
PATUÁ – Amuleto. Os órgãos sexuais masculinos.
PAU DE ARARA – Pejorativo dado aos nordestinos por eles andarem em caminhões cobertos de lonas, conhecidos por Pau de Arara.
PAU DE SERROTE – Planta da família das Leguminosas que florescem nos serrotes ou lugares onde há pedras.
PAU PARA TODA OBRA – Aquele que aceita tudo, que faz todo serviço.
PAU DE FOGO – Arma de fogo.
PAU DE AGASALHAR URUBU – Ver Ganzelão.
PAU PICA – Planta da família das Leguminosas, conhecida também por Bonome.
PAU DE CANGALHA – Armação de madeira para fazer cangalha.
PEBADO – Lascado, em situação difícil, em apuros.
PEBA – Indivíduo chato, intransigente.
PÉ DE BURRO – Cigarro de fumo bruto.
PÉ DE OURO – Exímio dançarino.
PÉ DE ALFERES – Conquistador.
PÉ DE POEIRA – Redemoinho forte e baixo. João ninguém, gente ralé.
PÉ DE BODE – Ver pagode. Martelo de forma curva na ponta. para serviço de mercenaria.
PÉ DE CANA – Pessoa viciada na cachaça.
PÉ SECO – Preá.
PÉ D'ÁGUA – Chuva forte e passageira.
PÉ DA CONVERSA – No inicio da conversa.
PÉ RAPADO – João-ninguém.
PÉ DE MOLEQUE – Comida feita com amendoim e trigo.
PÉ FRIO – Azarado.
PÉ DE GALINHA – As rugas criadas nos olhos.
PÉ DE PESSOA – Não ter ninguém na rua.
PÉ DE PATO – Pessoa que tem os pés sem curva ou cava.
PÉ DE PERIQUITO – Tamborete de três pernas.

PEDIR NA FOLHA – É quando no baile o cavalheiro convida a dama para dançar antes que esta pare de dançar com o outro.
PEGAR O SOL COM A MÃO – Amanhecer o dia na festa. Acordar muito cedo.
PEGA PINTO – Planta de uso medicinal. É viscosa por isso prende os pintainhos.
PÉ DE PAPAGAIO – Indivíduo que pisa para dentro.
PEDAÇO DE MAL CAMINHO – Mulher bonita capaz de apaixonar qualquer homem.
PEDIR PENICO – Acovardar, desistir.
PEGADIO – Amizade afetada.
PEGAR PARA CAPAR – Pegar para valer, Discutir.
PEGAR NA PALAVRA – Fechar o negócio, não dá outra alternativa.
PEIA – Peça de couro ou corda para prender os animais.
PEITIGOITANA – Doença. Raiva.
PEITORAL – O mesmo que guarda-peito. Ombral da janela.
PEITICA – Pássaro agourento comum em todo o Nordeste da Ordem Cuculidae.
PEIXADO – Sortudo, felizardo.
PEÍDO DE VELHA – Foguete muito apreciado pelos meninos, de exploração fraca.
PEIAR O CÁGADO – Manter relações sexuais.
PEITUDO – O mesmo que sortudo.
PELEGA – Chinela, papel moeda.
PELADO – Roçado de terras imprestáveis.
PELAR UM FRANGO – Masturbar-se.
PIMPAIÃO – Galante, esnobe.
PENDURAR AS CHUTEIRAS – Morrer. A moça que já não namora mais.
PENOSA – Galinha.
PENEIRA – Chuva miuda, neblina.
PENTEEIRA – Porta-chapéu ou simplesmente chapéu.
PEQUIRA – Cavalo pequeno e má qualidade.
PERDER A BOLA – Perder o juizo, o contrôle.
PERDER AS ALPERCATAS – Correr desesperadamente. Perder o contrôle.
PERNA SANTA – Ferida crônica na perna na qual costuma-se amarrar uma fita vermelha.
PERRENGUE – Moleirão, adentado, desordeiro, teimoso.
PEREQUETECA – Mulher que se enfeita; extrovertida.

PEREIRO — Planta da família das Apocináceas, excelente para o fabrico de móvel torneado.
PREGUIÇOSA — Cadeira de balanço ou de descanso.
PREACA — Aperto, ficar embaraçado. Dose de cana.
PRESEPADA — O mesmo que Munganga.
PRENHA — Mulher grávida.
PITIGUARI — Pássaro da família Cyclahidae, que segundo os crédulos, quando canta, alguém está para chegar.
PETISCAR — Arriscar, provar.
PETISQUEIRO — Guarda louça.
PEXOTE — Inexperiente, novato. Quixote. Àquele que atua onde não lhe diz respeito.
PICA — Armador de rede. Gancho que se coloca nas paredes para sustentar a rede. Pênis.
PICADO — Iguaria feita com o fígado e sangue de carneiro ou porco
PICHETE — Cabelo pixauim.
PICHITA — Pessoa pequena, miúda.
PIFADO — Pronto para disparar no jogo das cartas. Excitado, pronto para o coito.
PIFUTE — O mesmo que Diabo.
PIMBA — Pênis de menino.
PIMBÓ — Cachimbo feito de carrapateira.
PINDOBA — Pênis de menino.
PINDAÍBA — Ouriço. Andar sem destino, estar sem dinheiro.
PINGO DO MEIO DIA — Quando o sol está a pino.
PINGUELO — O clitóris.
PINÓIA — Porcaria, desgraça, desaprovação. Coisa sem valor.
PINOTE — Pulo pequeno. Salto.
PIOLHO DE VIÚVA — Inseto comum no Cariri.
PIOLHO DE COBRA — Inseto nocivo. Centopéia.
PIOR SEM ISSO — Piabas secas e salgadas vendidas nas feiras.
PIPIRI — Planta que serve para se fazer esteiras, da família das Ciperáceas.

PIPOCO — Estampido, estouro.
PIRÃO DE OVOS — Iguaria feita com água temperada, leite, ovos e farinha de mandioca. O mesmo que cabeça de galo.
PIRÃO — Mistura do caldo de carne de carneiro, quente, com farinha de mandioca.
PIRRALHO — Menino pequeno.
PIRRITA — Ver pichita.
PISSARRO — Cascalho, terra imprestável.
PISAR NO PÉ — Provocar briga, entriga.

PISADURA – Ferida causada pela sela ou cangalha no lombo dos animais.
PISUNHAR – Arranhar com as unhas.
PISUNHA – Cachorro que não admite brincadeiras quando está comendo. Valente.
PITUASSÚ – Camarão de água doce de cor quase preta com manchas amareladas.
PITELO – Jogo de castanhas.
PITAR ESCONDIDO – Fumar.
PIÚM – Mosquito noturno.
PIXAUIM – Cabelo ruim.
PIROCA – Pênis de menino.
POBREZA PELADA – Pobre que não possui nada.
POLACA – Mulher que vive com homem casado. Prostituta.
POLTRÃO – Cavalo que está mal acostumado com a sela. Que nunca levou sela.
POMBEAR O NASCENTE – Verificar, olhar para o nascente, perquerir.
PONTA TRONCHA – Sinal de miunças.
POROCOTÓ – Inseto que produz a doença de Chagas. Barbeiro. Chupão.
PORANGA – Belo, bonito, elegante.
POR NO MACACO – Laçar o animal pela barriga para derrubá-lo.
PORRA – Secreção incolor produzida pelos testículos no momento de grande excitação sexual.
PROSA – Conversa, palestra amigável.
PROCURAR SARNA PARA SE COÇAR – Procurar complicação quando se estar em paz.
PUARAS – Prostitutas de beira de estrada.
PUBA – Mandioca mole. O que está maduro, podre.
PUCUMÃ – Fuligem produzida pela fumaça do fogão.
PUNHETA – Masturbação.
PUNTIAR – Afinar as cordas do violão. Costurar. Pontear.
PUNARÉ – Roedor maior do que o preá e que vive em serrotes.
PURGÃO – Remédio caseiro feito com azeite de mamona. O bezouro da batata-doce. Broca da batata.
PRU MODE – Por causa de, a fim de. Locução muito usada nas cantigas medievais. Por amor de.
PRU RIBA – Por cima de.
PRU PIQUE – Por pirraça. De propósito.
PUTRIÃO – Pato selvagem da família Anatidae muito procurado devido a sua carne saborosa.
PUTUFU – Coisa esquesita, pessoa gorda. Porção de coisa.

PUTIPUTI – Copo com asa para beber água.
PUTEIRO – Cabaré.
PUXAR O CARRO – Cair fora, sair., desaparecer.
PUXAR CÓBRAS PARA OS PÉS – Limpar mato com enxada.

Q

QUANDO SE ENTONA – Quando se veste. O vermelho do sol na hora crepuscular.
QUARTINHA – Moringa de barro para esfriar água de beber.
QUATAU – Cavalo manso e castrado.
QUEBRANTO – Mau olhado.
QUEBRA QUEIXO – Pirulito grande.
QUEBRA PEDRA – Planta medicinal.
QUEBRAR DA BARRA – Amanhecer, pela madrugada.
QUEBRAR A CARA – Sobrar, enganar-se.
QUEBRAR O RÓCIO – Acabar com o orgulho.
QUEBRAR NA LENHA – Desaparecer, correr, fugir.
QUEBRAR – Falir.
QUEBRADAS – Brenhas, lugares ermos.
QUEBRAR A PANELA – Vestir roupa nova.
QUEBRAR NAS RÉDEAS – Domar o cavalo com o freio.
QUEIMAR GÁS – Namorar depois da hora determinada pelos pais da noiva.
QUEIMADO – Mistura de cachaça e cinzano. Rabo de Galo.
QUEIMANTE DE COURO – Peido.
QUELELÊ – Mexerico, intriga, discussão. No cariri pronuncia-se qui-le-léia.
QUEM PODE MAIS DO QUE DEUS – Requerer botija. Perguntar quem é o mais forte. Cachaça.
QUENGA DE CÔCO – Endocárpio do coco.
QUENGA – Prostituta, rapariga.
QUENGO – Cabeça. Concha de servir feijão na mesa.
QUILARIAR – Clarear.
QUISONGO – Matuto.
QUIPÁ OU QUIPAPÁ – Vegetação nordestina. Espécie de cardo rasteiro.

QUIXÓ – Armadilha de pedra para apanhar roedores como préas e punarés. Palavra proveniente dos Cariris.

QUIZILA – Repugnância. Antipatia.

R

RABUGEM – Doença de cachorro. Sarna.

RABO ENTRE AS PERNAS – Atitude de humilhação.

RABO DE SAIA – Mulher.

RABO DE RAPOSA – Espécie de cactácea.

RABO DE GATA – Rua onde mora a ralé.

RABIÇACA – Puxão, rabanada.

RABISCA – Os braços do cultivador ou arado.

RABICHO – Cinta de couro de passar por baixo do rabo da montaria, mais fina do que a rabichola.

RABICHOLA – Cinta de couro que prende as pernas da montaria para que a sela ou cangalha não vá para frente. Mais larga do que o rabicho.

RACHA – Mulher.

RACHAR – Dividir, partir por igual. Abrir gretas.

RAFAMÉIA – Muita gente reunida. Ralé.

RAJADA – Abelha nativa.

RANZINZA – Pessoa impertinente. Chata.

RANÇO – Gosto amargo. Acre.

RAPOSA VELHA – Pessoa experiente, vivida.

RAPARIGA DE ALEIJADO – Prostituta. Ralé.

RAPAPÉ – Ameaça, fazer tudo instintivamente ou repentinamente e não chegar a um resultado.

RAPA CÔCO – Raspadeira de côco em forma de colher com dentes de ferro.

RATO DE FAVA – Pequeno roedor de cor castanha. Homem pequeno.

REBOLDOSA – Repreensão.

RECORTADO – Ver miudinho.

REFUGAR – Rejeitar, sobrar. Mercadoria que não presta.

REGO – Riacho pequeno.

REGADA – Sulco entre as nádegas.

REGAR – Molhar, dá forma de regos.

RELA BUCHO – Forró de gentinha.

REMANDIOLA – Contratempo.

REMELEIXO – Requebro, mexer com os quadris.

REMELA – Secreção que sai nos olhos.
RENDIDO – Estar excitado sexualmente. Preso.
REPARTIDEIRA – Concha de servir comida.
REQUEFIFE – Mulher enfeitada. Pronta.
REQUENGUELA – Pessoa magra. Qualidade de quem requebra.
RÊRA – Desinteria.
RESGUARDO – Periodo que a mulher passa após o parto.
RESCALDO – Cinzas do fogão.
REVEZO – Cercado pequeno para guardar animais.
RINCHADA – Gargalhada estrondosa.
RIPAR – Cortar as crinas dos animais.
RÓCIO – Orgulho, presunção.
ROCEIRA – Lésbica.
RODA-PÉ – Ameaça. Barra de outra cor que se dá nas paredes.
RODILHA – Pano que se coloca à cabeça para apoiar o pote ou outra coisa. Cobra enrodilhada, pronta para picar.
RÓI COURO – Cabaré de mulher sem classe, no final da rua.
ROJÃO – Rítmo acelerado para se dançar o forró. Mostrar disposição para qualquer atividade que exige esforço.
ROMPE-FERRO – Nome dado aos cachorros. Personagem do romance de cordel "Juvenal e o Dragão".
RONCOLHO – Indivíduo que só tem um testículo.
RONCEIRO – Vagaroso, preguiçoso.
ROSCOPE – Relógio de má qualidade.
ROSSEIO – Barulho de pessoas andando.
RÔTO – Cavalo que ao ser esporeado solta peidos.
ROUQUEIRA – Cano de ferro onde se coloca pólvora para dá estampido. Brinquedo junino.
RUGERUGE – Barulho, briga, muita gente.
RUSGAR – Brigar, barulhar.
RUSSAR – Namorar.
RUSSIANA – Parte da quadrilha. Dança.

S

SABANATA – A água com que se lava a nata para transformá-la em manteiga.
SABOEIRA – Lésbica.
SABURÁ – O que vai ser mel.
SACA DE BATATA – Pessoa gorda e mal feita.

SAIDEIRA – Cachaça.
SAIMENTO – Petulância, desenvoltura.
SAIR DE BANDA – Sair sorrateiramente.
SAIR NA URINA – Expressão usada para substituir ou menosprezar se por acaso um alimento faz mal. Se não mata, cura.
SAIR A TERREIRO – Maneira de provocar briga.
SAIR COM QUATRO PEDRAS NA MÃO – Dizer desaforos, não aceitar proposta.
SAIRUSSÚ – Aves, azulão, frade.
SAI-TE – Expressão de desaprovação.
SALÃO – Terreno comumente encontrado no leito do rio.
SALÃO DE FORQUILHA – Barraca feita nas feiras livres onde se vende raizes e faz cabelo e barba.
SALTA TOCO – Pássarinho da família Fringilidae.
SALAMALEQUES – Brincadeiras.
SAMBUDO – Menino magro da barriga grande. Cordeiro ou cacrito novo cujo couro não serve para vender.
SAMBURÁ – Cesto de colocar roupa suja.
SAMBALELÊ – Brincadeira de roda.
SAMBOQUE – Pedaço de couro ou qualquer ferimento causado por dentada. Xaboque.
SANHARÓ – Abelha silvestre, pássaro da cor cinza.
SANGRIA – Corte de faca dado na gengiva do cavalo a fim de retirar certos furúnculos. Lugar por onde o açude escoa suas águas.
SANGUE DE PALAVRA – Reza para fazer parar hemorragias.
SARRABULHO – Queda, tropeção.
SAPECA – Pessoa extrovertida.
SAPECAR – Ver Muquecar.
SARRO – Saliva que escorre pelo cano do cachimbo. Namoro escandaloso.
SARNA DE MILHO – Milho novo que não presta para assar.
SASSARICADA – Ver sapeca.
SEBOZEIRA – Sujeira, nojentesa.
SECRETA – O mesmo que privada.
SEDAM – Carro de aluguel.
SEDENHO – Cauda, rabo, ânus.
SEM EIRA E NEM BEIRA – Ver. Não ter no cu o que o perequito roa.
SENTIR CABEÇA INCHADA – Estar apaixonado, sentir simpatia
SEQUILHO – Bolo feito de goma.
SER FIRME – Ser sincero.

SER PATO – Ser pérfido.
SERRAR A PORTA – Deixar a porta entreaberta.
SESTROSO – Astucioso, malicioso.
SESSENTA FOLHA – Parte do intestino do bode ou carneiro.
SETE CAPAS – Namoro de homem casado. É bom namorar por debaixo das sete capas. Segredo.
SIDÓRIO – Cama de dormir.
SINAL ENCOBERTO – Sinal pouco legível dos animais.
SINUCA – Aperto, dificuldade.
SINCERRO – Chocalho.
SIRIGAITA – Rapariga, prostituta. Mulher atrevida e sem classe.
SIRICOTÉ – Brincadeira do folclore infantil.
SIRICÓIA – Pássaro da família Rallidae.
SIRIRICA – Ver punheta.
SOBRECU – Uropígio das aves.
SOBROÇO – Medo, receio.
SOBRADO – Casa grande.
SÕIM – O mesmo que Sagui.
SOLTAR TRAQUES – Soltar peidos. Soltar fogos de estampido fraco.
SOLTO DE CANGA E CORDA – Ver como Deus criou batatas.
SOMBREIRO – Guarda chuva. Chapéu.
SOVAQUEIRA – Combréia, espingarda de feixe.
SUA TABACO – Sela.
SUECA – Jogo de cartas muito apreciado nos sítios.
SUGÃO – Farmacêutico.
SUJEITA – Rapariga de homem casado.
SUMIR DO MAPA – Desaparecer, morrer.
SUMÉ – Personagem misterioso entre os índios Cariris. Cidade do Estado da Paraiba.

SURÚ – Galinha que não tem rabo. Ou qualquer outro animal.
SURURU – Barulho, confusão.
SUCURU – Índios da nação Cariri. Distrito do Município de Serra Branca - Paraiba. Rio afluente do rio Paraiba.
SURRA DE LINGUA – Carão, repreensão.
SURRÃO – Couro velho. Espécie de montaria, mala, sela, para mulher.
SURUBA – Faceiro. Prática sexual com mais de uma pessoa.
SURRADO – Abatido, velho, gasto.
SURRUPIAR – Surrar, apanhar com cordas.
SURUCUCU – Cobra grande. Cascavel sem o guizo.
SUSTANÇA – Sustento. Manter. Remédio que dá vigor.

SUOR DE ALAMBIQUE – Cachaça.
SUVELA – Objeto pontiagudo para costurar couro. Traíra nova.

T

TABACA – Vulva.
TABEFE – Bofete.
TABICA – Tábua fina para surrar menino.
TÁBUA DO QUEIXO – Face, rosto.
TABOCA OU TACUARA – Planta semelhante ao caniço. A haste furada.
TACO – Pedaço.
TADINHO – Dim. Coitadinho.
TAIOCA OU TAOCA – Formiga de roça, a sauva. Cor amarelada.
TALAGADA – Dose, pinga, cachaça. Pedaço de jerimum quente.
TALABADA – Abundância, coisa grande.
TALHADA – Pedaço, talha.
TALIGUÁ – Estar igual, semelhante.
TAMANCA – Peça de madeira que se coloca nas patas dos animais para facilitar seu transporte.
TRAMBELHO – O mesmo que trepeça.
TAMARIANA – Erva que nasce à sombra de outras árvores e que provoca coceira.
TAMATIÁ – Animal da família Ardeidae.
TANGERINO – Ver tropeiro. Boiadeiro, homem que tange gado.
TAPACU – Pequeno periquito da família Psittacideos.
TAPERA – Casa de taipa abandonada.
TAPEAÇÃO – Chateação, Embromação.
TAPURU – Germe causado pela mosca Varejeira.
TARAROQUE – Capim mata-pasto, fedegoso, erva.
TAMBOEIRA – O milho que não vingou, que não cresceu.
TAMOEIRA – Corda de couro que liga o cabeçalho à canga ou o carro à canga.
TRAMENHAS – Enrolada, trapaça.
TRACAÇÃO – Relação sexual.
TARAPANTÃO – O que se diz valente.
TRAÇADO – Comer misturado.
TRALHA) Traste velho, inútil.
TRAPASSO – Queda, topada.
TRAPIÁ – Planta das Leguminosas.
TARIMBA – Lugar onde se vende carnes. Açougue. Ser experiente

TRAVAGEM – Bolo de carne que nasce junto as gengivas do cavalo, cujo tratamento consiste em queimar.
TRAVOSO – Indivíduo intransigente, ignorante.
TE FECHA – Calar, não participar.
TEJUPÁ – Cobertura de palha, casa coberta com palha.
TEMPO DE CUSPE – Outrora, antigamente.
TEMPO DE RONCA – O mesmo que tempo de cuspe.
TEMPERAR A GUELA – Tossir, beber.
TEMBETÁS – Utensílio doméstico.
TREPEÇA – Ver catrevagem.
TER UM PARAFUSO FOLGADO – Ter o juízo fraco, pensar desordenadamente.
TER SANGUE DE BARATA – Ser azarado.
TER CULPA NO CARTÓRIO – Ter rabo de palha, está implicado também em algum caso.
TER BUCHO FURADO – Ser inconveniente, não guardar segredos
TER SACO FURADO – O mesmo que ter bucho furado.
TER PANO NO ARAME – Ter mulher por perto.
TER FEIÇÃO – Prestar mais atenção a alguém.
TER CHITA – Ter elegância, dinheiro, ter idéias.
TERÉM – Utensílios domésticos.
TREM – O mesmo que terém. Nome dado também aos jumentos.
TREMELICA – Crise nervosa.
TREMPE – Fogão feito no chão com três pedras em forma de forquilha.
TERESOPE – O mesmo que jeep.
TRÊS QUINAS – O membro viril.
TIBES – Objeto desconhecido. Diabo.
TIBORNA – Qualquer coisa sem valor.
TICO – Pedaço, a menor parte.
TILA – Jogo de castanha.
TIPÓIA – Rede de dormir, bolsa para apanhar cereais.
TIMBU – Animal marsupial da família dos Difelfídeos.
TIMÃO – Vestimenta de menino novo.
TRIPA GAITEIRA – Intestino grosso. Deu um nó na tripa gaiteira
TINGUI – Planta com propriedade tóxica, que é usada para apanhar peixes.
TINHOSO – Diabo.
TINTIM POR TINTIM – Contar sem esconder nada. Detalhar sem omitir.
TIPÍ – Planta da família das Ptytolacaceas.
TIRAR O COURO – Zombar, ironizar.
TIRAR LINHA – Flertar, namorar.

TIRAR UMA CHAMA – Aboiar, versejar.
TIRAR A MÃO DO BOLSO DO PATRÃO – Vagabundar no serviço, embromar.
TIRAR COBRA DO PASTO – Matar uma coisa indesejada.
TIRAR O CAVALO DA CHUVA – Partir para outra.
TIRAR O BALAIO DA FEIRA – O mesmo que tirar o cavalo da chuva.
TIRNA – Cor preta.
TIRISCAR – Tocar levemente.
TRISTE DA MEIA NOITE – Palerma, coitado.
TAIPA EM GRELHA – Pessoa intrometida que quer participar de tudo sem ser convidada.
TRIPA – Pênis. Pessoa magra.
TINHA – Azar.
TRIBUZADA – Confusão, barulho.
TOCAR TROMBONE – Masturbar-se.
TOCAR CLARINETE DE ARROELA – O mesmo que tocar trombone.
TODA LIRÓ – Mulher bem vestida.
TOLDA – Barraca, rancho, cobertura de pano que se costuma usar sobre a cama para evitar pingo de chuva em crianças.
TOMAR CHEGADA – Aproximar-se cautelosamente.
TOMAR PÉ – Passar a entender do assunto. Conseguir chegar no fundo do açude.

TOMAR TENTO – Prestar atenção.
TOMAR CHÁ DE SUMIÇO – Desaparecer.
TOMAR UM AÇO – Beber.
TOMAR UM PREGO – O mesmo que tomar um aço.
TOMAR UMAS BIRITAS – Beber.
TOMAR SERENO – Receber o frio da madrugada.
TOMAR CHÁ DE BURACO – Morrer.
TOMAR PANCÃO – Beber, embriagar-se.
TOMAR UMA CIPOADA – Beber.
TOMAR PIFÃO – Beber.
TOMAR NO ASSENTO – O mesmo que entrar pelo cano.
TOMAR CONFORTO – Beber vitaminas.
TOPETE – Pico, saliência da serra.
TORÉ – Aguaceiro forte, muita chuva, farra.
TORRANGUE – Estrondo.
TROPICÃO – Torpeçada.
TROCAL – Ave da família Columbidae.
TROPEIRO – Ver tangerino.

TORNEIRAS – Buraco nas paredes para colocar a arma de fogo e atirar de dentro de casa para fora.
TORREIRO – O toucinho de porco derretido.
TRONCHO – Torto, pendido.
TRONQUEIRA – Cancela, porteira.
TUBIBA – Pênis de menino
TUIM – Ver pixaim.
TRUACA – Bebedeira, embriaguês.
TRUBADO – Está embriagrado. Diz-se quando o tempo indica trovoada.
TUNGÃO – Vagaroso, lento, palerma.
TUTUMQUEBA – Coronel, político. Registra Alceu Maynard Araújo.
TRUVEJO – Barulho, estampido. Ato de trovejar.
TRUPEZÚPIO – O cavalo que não tem boa andadura.
TRUBUFU – Ver tribuzada.
TURICA – Desmaio.
TRUMBICAR – Ver Tropicão.
TURUNA – Indivíduo corajoso.
TURUMBAMBA – Barulho, desordem.
TUNCO – Estalo dado com a língua em sinal de desaprovação ou raíva.
TRUCO – Ardil, tramóia, alteração de truque.

U

UMA OVA – Nunca, jamais.
UMBIGUEIRA – Ferida causada pela mosca no umbigo de miunças
UNHA ENCRAVADA – Ferimento no canto da unha.
UPAR – Saltar bruscamente.
URUÇU OU EIRUSSÚ – Abelha nativa de mel medicinal.
URUBÚ – Assim são chamadas as pessoas negras.
URUPEMBA – Utensílio doméstico maior do que a peneira feito de palha.
URUVÁIO OU URUVALHO – Orvalho, neblina fininha.
URUBUCUBACA – Azar.
URUBUZADA – Muito negro junto. Sinal de animal morto.

V

VACA – Ânus.
VAI NUM PÉ E NOUTRO – Correr, fazer o serviço ou o recado com rapidez.
VÃO DA PORTA – Ombral.
VAQUEJAR – Campear, andar atrás do gado.
VAQUEIRO DE MARIA DOÍDA – Vaqueiro amador.
VAQUETA – Couro de novilho curtido.
VARAPAU – Indivíduo de estatura alta.
VAREJEIRA – Mosca grande que ataca os animais causando ferimentos.
VAREOLAR – Passear.
VASSOURA DA PREFEITURA – Moça namoradeira.
VAZILHO – O mesmo que verilhas.
VENTOSIDADE – Dores nas costas, no ventre.
VENDER CACHETE – Estar com a braguilha entreaberta.
VERTER ÁGUA – Urinar
VEXAR – Apressar.
VIANA – Faca peixeira.
VIÚSCA – Alteração de velhusca. Pessoa idosa.
VIRAR ANGU DE CAROÇO – Desordenar o ambiente.
VIRAR A CASACA – Mudar de opinião. Apaixonar-se.
VIRAR BUNDA CANASTRA – Dar cabalhota.
VIRAR O MOCOTÓ – Cair.
VIRA LATA – Cachorro de raça misturada.
VIRA E MEXE – Desordem, teimosia, insistência.
VIROTE – Pequeno torno de bancada.
VIVER NO LIZEU – Está sem dinheiro.
VIVER DE DEU EM DEU – Viver de esmolas, ao Deus dará.
VISITA DA SAÚDE – Melhora rápida do enfermo.
VISTORIA – Inspeção feita na moça quando se quer obter a certeza de que ela ainda é ou não virgem.
VITELA – Ver boiote.
VOGAR – Valer, prestar.
VOTE – Expressão de repulsa, espanto.
VOU SUFRIVE – Vou bem, estou bem. Vou levando a vida assim Sofrivel.

X

XÃ DE DAMA — Uma das partes da quadrilha.
XAMEGO — Namoro muito aproximado, escondido.
XAMBREGUEIRA — Moça namoradeira.
XARAPA — O mesmo que xará.
XAROPADA — Remédio caseiro à base de ervas.
XAQUALHAR — Zombar, bagunçar o ambiente.
XAVECO — Conversa, ganhar no papo.
XAXADO — Dança tipicamente nordestina.
XERETA — Bajulador.
XERÉM — Comida de milho moido cozinhada com água e sal. Pedra miúda.
XETA — Brincadeira de mau gosto, zombaria.
XIBIU — Vagina
XILINDRÓ — Cadeia.
XIRIMBAMBA — Bajulador.
XIRUBA — Valentão, simpático, feio. Bebida de má qualidade.
XIXÓ — Parte de madeira que compõe a roda do carro de boi.
XIXILADO — Descarado, sem vergonha.
XIXIXI — Chuva fina e continuada
XÔ — Expressão usada para tanger galinha
XODÓ — Ver xamego.
XORRÓ — Pássaro da família Formicaridae.
XOROCA — Pênis.
XUMBREGAR — Namorar escandalosamente.

Z

ZUADA — Barulho, baderna.
ZABIUDE — Alteração de abelhudo. No cariri costumava-se dizer que o zabiude era um cachorro fantasma que assustava as crianças desobedientes.
ZAMBETA — Aquele que pisa para dentro, que tem as pernas tortas.

ZANOROLHO – Aquele que tem os olhos trocados, estrábico.

ZAROLHO – O milho que está vesgo. Nem seco nem verde. Está amadurecendo na espiga.

ZANHO – O cachorro valente e que não admite presença de pessoas na hora da comida.

ZELAÇÃO – Estrela cadente.

ZOLOFONE – Radiola.

ZORÓ – Faminto, sentir tontura, está quase embriagado.

ZUMZUM – Murmúrio de vozes, ruído, fuxico.

ZUNIR – Jogar alguma coisa. Zuniu uma pedra na cabeça do menino.

BIBLIOGRAFIA ESTUDADA

Almeida, Horácio de – *Dicionário Popular Paraibano.* Editora Universitária. João Pessoa. 1979.

Almeida, José Américo de – A *Paraiba e seus Problemas.* A União Cia. Editora. – 1980.

Amaral, Amadeu – *Tradições Populares* – 3ª Ed. Editora Hucitec SP. 1982

Baldus, Herbert – *Ensaio da Etonologia Brasileira* – 2a. Ed. Editora Nacional. SP – 1979.

Barthes, Roland – *Elementos de Semiologia* – 6a. Ed. Editora Cultrix – SP. – 1964.

Cabral, Tomé — *Novo Dicionário de Termos e Expressões Populares.* — UFC — Fortaleza — 1982.

Cartaxo, Otacílio — *Homens e Bichos* — Editora Empresa Gráfica Ouvidor S. A. — RJ — 1964.

Clerot, F. R. Leon — *30 Anos na Paraiba.* — Editora Pongentti. RJ 1969.

Duque, José Guimarães — *Solo e Água no Polígno da Seca.* Coleção Mossoroense. 5a. Ed. 1980.

Demétrio, José — *Postura de Arribação.* Recife. 1958.

Gregório, José — *Cangaceiro e Herói* — Editora Sta. Fé Ltda. Campina Grande. PB — 1975.

Holanda, Aurélio Buarque de — *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa.* 11ª Ed. Editora Civilização Brasileira S/A. — RJ.

Júnior, R. Magalhães — *Dicionário Brasileiro de Provérbios, Locuções e Ditos Curiosos.* Editora Documentário. RJ. 1974.

Leal, José — *Vale de Travessia* — A. P. I. Editora - J. Pessoa - 1972.

Luz, Zé da — *Brasil Caboclo.* — Edições O Cruzeiro — 4ª edição.

Maior, Mário Souto — *A morte na boca do povo.* Livraria São José Recife, 1974. Como nasce um cabra da peste. Arquimedes Edições. São Paulo. 1969. Galalaus e Batorés. Editora Universitária — PE. 1981.

Zenaide, Heretiano — *Livrinho dos nossos animais.* Editora Teone. Aves da Paraiba. 1945/1955.